

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

RENATO RODRIGUES BRANDÃO



A passagem de Charles Darwin pelo Brasil a bordo do Beagle:
traduções para o português do relato de viagem

Uberlândia/MG

2025

RENATO RODRIGUES BRANDÃO

A passagem de Charles Darwin pelo Brasil a bordo do Beagle:
traduções para o português do relato de viagem

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Maria de Jesus.

Uberlândia/MG

2025

RENATO RODRIGUES BRANDÃO

A passagem de Charles Darwin pelo Brasil a bordo do Beagle :
traduções para o português do relato de viagem

Monografia apresentada ao Curso de Tradução do
Instituto de Letras e Linguística da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito parcial para
a obtenção do título de Bacharel em Tradução

Banca de Avaliação:

Profa.Dra. Silvana Maria de Jesus. – UFU
Orientadora

Profa. Dra. Paula Arbex – UFU
Membro

Profa. Me. Marcela Henrique de Freitas – UFU
Membro

Uberlândia/MG, 04 de fevereiro de 2025

AGRADECIMENTOS

Muito aprendi e sigo aprendendo...cursar a tradução e caminhar novamente pelos corredores da UFU foi uma experiência ímpar, foi como reler um livro com um novo olhar, e ao fazê-lo, perceber que reaprendi a ler. Sou grato a todos que passaram por mim ou estiveram comigo nesse trecho da viagem. Ao corpo docente do curso, agradeço por todas as trocas e ensinamentos durante as aulas; ao Fernando por toda a paciência e esclarecimentos que me ajudaram durante todo o curso; aos orientadores, Daniel e Silvana, pela paciência e orientações em momentos de dificuldade no início, meio e final deste trabalho. Sou grato a minha terapeuta, Vanessa, por me ajudar a entender o vento para mover o leme. Aos amigos, novos e antigos, que me ajudaram sempre a chegar ao próximo porto e não desistir da viagem, Jaqueline, Vitória, Lêda, Valéria, Dayse, Augusto, Elves, Dani, Roberto, Thales, Michelly e Carol. Obrigado a todos.

RESUMO

Esta pesquisa trata, em uma perspectiva histórica e tradutória, das traduções para o português do relato de viagem *The Voyage of the Beagle* de Charles Darwin (1839), verificando como os itens culturalmente marcados (ICM) foram textualizados por Darwin e retextualizados nas traduções. O trabalho realizou levantamento, seleção e análise de itens culturalmente marcados presentes no relato de Darwin, tendo como referencial teórico o trabalho de Aixelá (1997). Os itens foram classificados em quatro categorias: i) Topônimos, ii) Antropônimos, iii) Fauna/Flora/Ecossistema e iv) Brasileirismos; e analisados em três traduções - Carvalho 1979, Gonzaga 2008 e Galindo 2015 - conforme as estratégias de manipulação, conservativas ou substitutivas, propostas por Aixelá. Os resultados apontam para a relevância da relação entre viagem e tradução na perspectiva do viajante como tradutor do Outro. A análise mostra a preponderância da repetição como estratégia de conservação e considera que a diferença entre as traduções analisadas pode estar nos diferentes projetos tradutórios. Por fim, observa-se a tradução como possibilidade de retextualização do relato de viagem para o Outro que foi observado e relatado a partir da perspectiva de um viajante estrangeiro.

Palavras-chave: Tradução. Itens culturalmente marcados. Darwin. Relatos de viagem.

ABSTRACT

This research examines, from a historical and translation perspective, the Portuguese translations of the travel account *The Voyage of the Beagle* (1839) by Charles Darwin, investigating how Culture-specific items (CSIs) were textualized by Darwin and retextualized in the translations. The study conducted a survey, selection, and analysis of Culture-specific items in *Darwin's Journal of researches*, using Aixelá's (1997) framework. The items were classified into four categories: i) Toponyms, ii) Anthroponyms, iii) Fauna/Flora/Ecosystem, and iv) Brazilianisms; and analyzed in three translations – Carvalho 1979, Gonzaga 2008, and Galindo 2015 – according to the manipulation strategies, either conservative or substitutive, proposed by Aixelá. The results point to the relevance of the relationship between travel and translation from the perspective of the traveler as a translator of the Other. The analysis shows the preponderance of repetition as a conservation strategy and considers that the difference between the translations analyzed may lie in the different translation projects. Finally, translation is observed as a possibility of retextualizing the travel report for the Other that was observed and reported from the perspective of a foreign traveler.

Keywords: Translation. Culture-specific items. Darwin. Travel writing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Trajeto do HMS Beagle.....	26
Figura 2 - Capa da edição em língua inglesa utilizada neste trabalho.....	27
Figura 3 - Variações dos bicos das aves de Galápagos.....	28
Figura 4 - Dados obtidos sobre a formação dos recifes.....	28
Figura 5 - Capa da tradução de 1937 (Darwin, 1937).....	32
Figura 6 - Capa da tradução de 2024.....	32
Figura 7 – Capa da Tradução de J.Carvalho.....	33
Figura 8 – Capa da tradução de Pedro Gonzaga.....	34
Figura 9 – Capa da tradução de Caetano W. Galindo.....	35
Figura 10 – Folha de rosto de The Voyage of the Beagle, edição de 1905 ... 39	
Quadro 1 – Traduções do título.....	39
Quadro 2 – Topônimos.....	40
Quadro 3 - Antropônimos.....	43
Quadro 4 – Fauna/Flora/Ecossistemas.....	45
Quadro 5 - Brasileirismos.....	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – TRADUÇÃO E VIAGEM	12
1.1 Relação entre tradução e viagem	12
1.2 Relatos de viagem traduzidos no Brasil	14
1.3 A tradução de itens culturalmente marcados (ICM)	16
1.3.1 Os itens culturalmente marcados	16
1.3.2 Tipos de itens culturalmente marcados	17
1.3.3 Estratégias de tradução de ICM	19
1.3.4 O viajante-tradutor, o Outro e os ICM	20
CAPÍTULO 2 – DARWIN NO BRASIL	22
2.1 Charles Darwin: vida e obra	22
2.2 A Viagem do Beagle	24
2.3 A passagem pelo Brasil: lugares e importância	28
CAPÍTULO 3 – AS TRADUÇÕES DO DIÁRIO	30
As três traduções analisadas	30
CAPÍTULO 4 – A TRADUÇÃO DOS ITENS CULTURALMENTE MARCADOS	36
4.1 Os títulos das traduções	37
4.2 Topônimos	39
4.3 Antropônimos	42
4.4 Fauna/Flora/Ecossistema	43
4.5 Brasileirismos	47
CONCLUSÃO	53

INTRODUÇÃO

O britânico Charles Darwin despontou como figura central na área da biologia no século XIX, quando a biologia ainda era denominada “História Natural”, e os cientistas da área “naturalistas”. Sua grande obra *A origem das espécies* e sua grande contribuição ao conceito de evolução dos seres vivos por meio da seleção natural, antagonizaram o que se acreditava até então, que as espécies não sofrem modificações ao longo do tempo, o fixismo.

Considerando *The Voyage of the Beagle*, sua primeira obra, como um relato de viagem, poderiam ser feitas diversas considerações, correlacionando tradução e viagem. No caso de sua passagem pelo continente sul-americano, em particular, Darwin desconhecia as línguas faladas pela maioria desses países, inclusive as línguas europeias mais utilizadas nesses países, como o português e o espanhol. Além de Cabo Verde, o Brasil é o único local descrito no diário no qual o português era a língua falada. Segundo a classificação das relações entre tradução e viagem propostas pelo teórico Michael Cronin (apud Cardoso, 2013), o viajante desconhece a língua do local em que viaja. Existe, nessa situação, uma “tradução” de uma cultura, de indivíduos, que passam a ser representados pela visão do viajante para o leitor.

A motivação desta pesquisa se deu pela vontade de buscar um entrelaçamento entre minha primeira formação, na área da Biologia, com a pesquisa na área da Tradução, demonstrando como a tradução atravessa as diferentes áreas do conhecimento. Como biólogo por formação e educador por profissão, o interesse na figura de Darwin e a possibilidade de ver novos pontos na historiografia das ciências naturais foram determinantes para o desenvolvimento deste trabalho.

A problemática desta pesquisa consiste, assim, em investigar como os itens culturalmente marcados (ICM) foram textualizados por Darwin ao descrever o Outro, brasileiro, para o leitor britânico (e leitores de língua inglesa) e como estes mesmos ICM foram manipulados e retextualizados nas diferentes traduções analisadas, tendo como referencial teórico o conceito de item culturalmente marcado proposto por Aixelá (1997).

Essa questão também poderia ser observada nas traduções espanholas, especificamente nas passagens que descrevem a experiência de Darwin em países hispanófonos. Considerando que o público alvo dessas traduções (em português e espanhol) seja o sul-americano, os indivíduos e a cultura descrita já não é mais estrangeira. O relato descreve ao leitor uma realidade que lhe é familiar e, portanto, esse último se encontra na posição de leitor hiperinstruído¹. É dessa última correlação, em particular, que essa pesquisa trata.

As pesquisas sobre traduções de relatos de viagem possibilitam perceber como a experiência do viajante foi retratada, observar que o viajante nem sempre possui todas as informações culturais e linguísticas necessárias para compreender a realidade com a qual se confronta, e também como tais relatos são traduzidos. No caso do *The Voyage of the Beagle*, esta pesquisa pretende investigar como os ICM foram textualizados por Darwin ao descrever o Outro, brasileiro, para o leitor britânico (e leitores de língua inglesa) e como estes mesmos ICM foram manipulados e retextualizados nas diferentes traduções analisadas, tendo como referencial teórico o conceito de item culturalmente marcado proposto por Aixelá (1997).

Este trabalho foi estruturado em quatro capítulos, o primeiro capítulo discute a viagem como uma metáfora para tradução, o viajante como metáfora para o tradutor e algumas possíveis problematizações sobre o ato de traduzir o Outro. Apresenta alguns exemplos de tradução dos relatos de viagem que foram importantes elementos da formação de uma imagem de si do brasileiro através do olhar do estrangeiro. E apresenta e discute a abordagem teórica de Aixelá (1997) sobre o conceito dos itens culturalmente marcados, seus tipos, importância para o trabalho do tradutor e possíveis estratégias de manipulação.

O segundo capítulo apresenta um panorama geral da vida de Charles Darwin, a viagem a bordo do Beagle como base de sua principal obra, que é também objeto de outros estudos sobre suas traduções, e da obra estudada neste trabalho. Neste

¹ Esse termo surgiu de discussões com o Prof. Dr. Daniel Padilha P. da Costa, inicialmente o orientador desse trabalho, e refere-se ao leitor de um relato de viagem sobre a cultura desse leitor, produzido em língua estrangeira e traduzido para a língua desse leitor A. Nesse sentido, embora o texto fonte venha de uma cultura estrangeira, os itens culturalmente marcados são familiares ao leitor da tradução. No presente trabalho, refere-se ao leitor brasileiro lendo as traduções dos diários de viagem de Darwin pelo Brasil.

capítulo é feita uma descrição estrutural do texto fonte em língua inglesa utilizada neste trabalho, o texto de 1839 publicado em 1997 na coleção Wordsworth Classics, e do período estudado, que foi sua passagem pelo Brasil, no primeiro braço de sua viagem de volta ao mundo.

O terceiro capítulo apresenta as traduções do diário de viagem de Darwin, e descreve as três traduções estudadas neste trabalho, a de J.Carvalho de 1979, a de 2008 de Pedro Gonzaga e a de 2015 de Caetano Galindo. Sendo que a terceira delas é a primeira tradução que utilizou como texto fonte o conteúdo integral do diário.

O quarto capítulo discorre sobre o levantamento e seleção de itens culturalmente marcados na edição em língua inglesa utilizada, sua divisão e tabulação em categorias propostas (Topônimos, Antropônimos, Fauna/flora/ecossistema e Brasileirismos e os títulos das traduções) e análise das traduções destes ICM nas três versões aqui utilizadas, de acordo com a abordagem teórica dos ICM proposta por Aixelá (1997). Tentando inferir e elucidar que possíveis estratégias de manipulação foram utilizadas pelos tradutores do relato.

CAPÍTULO 1 – TRADUÇÃO E VIAGEM

1.1 Relação entre tradução e viagem

Uma relação estreita e essencial entre tradução e viagem pode ser estabelecida, quando voltamos o olhar aos Estudos da Tradução e a utilização da viagem como metáfora para tradução é desvelada através de exemplos estudados na literatura da área. Das diversas metáforas utilizadas, esta se opõe à tradicionalmente utilizada de tradução como “transporte” ou “transferência”. Com as viagens de exploração do século XV ao século XIX, os relatos de viagem se tornaram o instrumento pelo qual é possível analisar esta relação com mais clareza. Como discute Bassnett,

A tradução pode ser vista como um tipo de viagem de um ponto temporal e espacial para outro, como uma viagem textual que o viajante deve empreender na realidade. Além disso, tanto a tradução quanto o relato de viagem são atividades hermenêuticas que envolvem tipos distintos de contato intercultural. A viagem necessariamente envolve alguma forma de tradução, e muitos dos primeiros relatos de viagem relatam tentativas detalhadas de traduzir na língua dos exploradores o ignorado, o desconhecido, o novo e o estrangeiro.¹ (Bassnett, 2000, p. 106; apud Snell-Hornby, 2006, p. 90, tradução nossa).

A correlação entre viajante (escritor de um relato) e tradutor reside, então, no fato de o viajante estar em contato com uma cultura e linguagem diferente de sua origem. E como ele lida com as diferenças existentes entre as duas linguagens, será determinante na forma como ele “traduz” aquela cultura em sua descrição do lugar visitado e do Outro, e dos elementos que o constituem. Cronin argumenta a importância do “viajante/tradutor” e de sua atitude diante das diferenças em mais de um de seus trabalhos,

Movendo-se entre disciplinas, entre a linguagem alusiva da cultura geral e das herméticas sublínguas dos particularismos, o tradutor e o intérprete são profissionais, no sentido de possuírem uma cultura enciclopédica da viagem – ou uma terceira cultura, que inclui não apenas as polaridades clássicas entre as humanidades e as ciências, mas também muitas outras áreas da investigação humana. Numa era dominada por disciplinas paroquiais, o tradutor ou escritor de viagem é um valioso nômade a nos trazer notícias de alhures.² (Cronin, 2000, p. 150; apud Snell-Hornby, 2006, 90, tradução nossa).

Em um mundo multilíngue, a diferença entre línguas e a tradução são elementos indissociáveis dos relatos de viagem (Cronin, 2010). Como

o viajante lida com uma língua diferente ou uma variedade radicalmente distinta da sua língua materna, tem impactos evidentes em sua capacidade de estabelecer relações e interpretar as realidades que encontra.³ (Cronin, 2010, p. 334, tradução nossa).

Segundo Rodrigues, a tradução era antes vista como uma relação linear entre línguas, onde a língua de partida e a de chegada ocupavam lugares simétricos no diálogo entre elas. Tal concepção se alterou ao longo do tempo, pois a tradução deixou de ser entendida apenas como o transporte dos sentidos do texto na língua de partida em uma nova língua (de chegada). Assim, a própria figura do tradutor passou de um sujeito neutro e servil para se tornar o interventor que transforma o texto original em um novo texto.

Aproximam-se, assim, o traduzir e o viajar, como formas de apropriação, como modos de transformar o Outro em próprio. O contato entre culturas produzido pela tradução é, entretanto, diferente do contato produzido pela experiência da viagem. Ainda que tanto em tradução quanto em viagem a linguagem seja uma constante, a viagem contempla um aspecto ausente da tradução: a prova de vivenciar o não-familiar e transformá-lo em expressão linguística. A tradução também, de certa forma, desenraiza-se do familiar, mas sempre no plano linguístico (Rodrigues, 2005, p. 142).

Os relatos de viagem eram antes vistos como descrições objetivas a partir de um olhar científico de um lugar ou um povo, mas podem ser interpretados como traduções de experiências. Eles passaram a ser questionados com o tempo: esse olhar do viajante é mesmo neutro e objetivo ou ele carrega em si sentidos com base em seus próprios parâmetros, como faz um tradutor? A análise da assimetria nas relações viajante e nativo muda com o desenvolvimento dos empreendimentos colonizadores europeus. Inicialmente, somente o nativo teria o conhecimento de seu mundo, posteriormente, os viajantes acumulariam esse conhecimento ao longo de suas viagens e os relatos passariam a conter outros elementos que estão na esfera extralinguística.

O Outro é construído e reconstruído por uma visão etnocêntrica colonizadora, resultante de um processo de transculturação. Esse desrespeito ao Outro, passa a refletir assimetrias nas relações internacionais, impactando inerentemente a tradução, ou o caminho inverso. Tal impacto é analisado por Venuti (2002),

Enquanto em “países hegemônicos, a tradução modela imagens de seus “Outros subordinados”, e confirma ou interroga os valores dominantes, estereótipos étnicos, cânones literários, “nos países em desenvolvimento, a tradução modela imagens de seus Outros hegemônicos”, tendendo a assimilar os valores estrangeiros (Venuti, 2002, p. 299 apud Rodrigues, 2005, p. 146).

Dentro da perspectiva do Outro nos processos tradutórios, Rodrigues (2005) conclui que tanto o relato de viagem como a tradução dão acesso a certo ponto de vista, sendo produto da interpretação que um sujeito social faz do Outro, não há transparência total. A partir de uma concepção contemporânea, a tradução não está isenta nem deve se afastar das problematizações, pois, não é apenas transporte de significados ou simplesmente uma operação linguística.

1.2 Relatos de viagem traduzidos no Brasil

O Brasil foi uma colônia de exploração por mais três séculos e muito do que foi descrito, catalogado e registrado na literatura sobre o país se deu por meio dos relatos dos viajantes, o que de certa forma tem influência na construção da autoimagem do brasileiro e no nascimento e desenvolvimento de uma literatura nacional. Porém, os relatos de viagem foram produzidos por viajantes estrangeiros e, portanto, se encontravam em outros idiomas.

Ocorriam de forma concomitante mudanças culturais e científicas importantes, e expedições de caráter científico para obtenção de dados e informações estavam em alta. Os registros se davam por meio da produção de relatos ou diários. Grande parte destes foi produzida no século XIX, em diversos idiomas como francês, inglês, alemão. Com o *boom* editorial ocorrido entre as décadas de 1930 e 1950, há uma expansão da demanda por traduções e tradutores. Nesse contexto, tais relatos de viajantes ao Brasil passam a ser traduzidos e, assim, o leitor brasileiro passa a ter acesso tanto a informações sobre seu país quanto à visão do estrangeiro sobre si.

Duas importantes coleções editadas na era Vargas, a *Brasiliana*, criada em 1931 pela Companhia Editora Nacional, e a *Biblioteca Histórica Brasileira*, produzida a partir de 1940 pela Livraria Martins Editora, publicaram um grande número de traduções de relatos de viajantes estrangeiros que vieram ao Brasil e descreveram sua natureza, seu povo e seus costumes (Rodrigues, 2017). Como afirma Rodrigues

(2017, p. 1442), "a análise das traduções realizadas para as coleções Brasileira e Biblioteca Histórica Brasileira evidencia a visibilidade dos tradutores no período, assim como sua aparente liberdade para conduzir sua tarefa."

Debret escreveu em 1940 a obra *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil* e o tradutor Sérgio Milliet discorreu em nota sobre o que considera ser a tarefa do tradutor.

Se muitas vezes o tradutor é um traidor, a culpa cabe não raro à precariedade do estilo e da língua do autor traduzido. O tradutor honesto, que não deve fazer milagres, assume então toda a responsabilidade dos erros que não lhe compete corrigir e das confusões que não ousa esclarecer. Outro ponto a frisar: a tradução não pode modificar os conceitos do autor e se estes são infantis nada os tornará adultos. Tão pouco é possível evitar repetições, insistências inúteis. O tradutor é um infeliz que carrega às costas o fardo pesado dos erros alheios. (Milliet, 1940, s/p apud Rodrigues, 2017, p. 1443).

Milton da Silva Rodrigues traduziu a obra *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil* escrita por John Luccock em 1942. O comentário em notas introdutórias sobre a obra e as opções do tradutor é feito pelo diretor da coleção, Rubens Borba de Moraes (Rodrigues, 2017),

[...] apesar de sua enorme importância para os estudos brasileiros, [a obra] não foi até hoje traduzida integralmente para o português. O dr. Milton da Silva Rodrigues, que teve o trabalho de fazer a presente tradução, procurou conservar todo o sabor do estilo muito pessoal do autor e reproduzir-lhe com toda fidelidade o pensamento. (Luccock, 1942, p. viii apud Rodrigues, 2017, p. 1444).

Já na tradução de 1941 de *Dez anos no Brasil* de Carl Seidler feita por General Bertoldo Klinger, Rubens Borba de Moraes comenta sobre o autor da obra:

Mas nem tudo no livro de Seidler é mentira e animosidade. Muita coisa há que, vista hoje em dia, com a perspectiva de um século, retrata a época tumultuosa da formação de nossa nacionalidade. É preciso, entretanto, que seja criticado com conhecimento dos fatos relatados e traduzidos com exatidão. É o que foi feito nesta edição pelos eminentes Bertoldo Klinger e notas do coronel Paula Cidade, tão conhecedores dos assuntos tratados pelo ex-oficial alemão a serviço de D. Pedro I. (Seidler, 1941, p. 5 apud Rodrigues, 2017 p. 1445)

O tradutor Carlos Lacerda evidencia, no prefácio de *Do Escambo à escravidão* de Alexander Marchant publicada em 1943, sua opção tradutória pela estrangeirização: "Preferimos uma estrita fidelidade ao original inglês à adaptação

que se destinaria a pô-las [as expressões] de acordo com a terminologia usual nos estudos brasileiros” (Marchant, 1943, p.13 apud Rodrigues, 2017, p. 1446).

Em meados da década de 1970 e início da década de 1980 foi publicada outra coleção com foco em relatos de viagens de estrangeiros ao Brasil, agora pela Editora Itatiaia em parceria com a editora da Universidade de São Paulo. Era composta de obras já traduzidas nas coleções anteriores, como *Dez anos no Brasil*, e *Viagem pitoresca através do Brasil*, e outras obras que não fizeram parte das coleções anteriores, como *Viagem de um Naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais*, de Charles James Fox Bunbury traduzida por Helena Garcia de Sousa e *Duas Viagens ao Brasil*, de Hans Staden, traduzida por Guiomar de Carvalho Franco.

Possivelmente essa nova coleção também componha um acervo rico para se analisar a visibilidade de seus tradutores e as escolhas tradutórias em si, já que representam um outro momento histórico e editorial no Brasil. Algumas dessas traduções foram organizadas em uma nova coleção pelo Senado Federal no início dos anos 2000 com o título *O Brasil visto por estrangeiros*.

Um dado importante para este trabalho é o fato de que nenhuma das coleções citadas possuem como obra componente o diário de Darwin. É possível que uma tradução desse diário tenha sido publicada na década de 1930, mas não há dados concretos. Dentre as traduções utilizadas neste trabalho, a mais antiga data de 1979, sendo contemporânea a coleção *Reconquista do Brasil*, podendo indicar algum movimento editorial neste período no sentido de traduzir obras de tal natureza. Mas permanece a indagação do porquê Darwin não fez parte das coleções citadas.

1.3 A tradução de itens culturalmente marcados (ICM)

1.3.1 Os itens culturalmente marcados

Na produção de um relato de viagem, de natureza narrativa, o viajante contará sua experiência e, na maioria das vezes, fará descrições ou apresentação de elementos da cultura estrangeira. Assim, o Outro e o contexto que o cerca serão descritos utilizando elementos linguísticos da cultura do viajante. O olhar e a

experiência são subjetivos, porém, em outros tempos, em que esses relatos ocupavam um lugar de destaque como fonte de informação científica e cultural, esperava-se que fossem objetivos.

É improvável que uma descrição, mesmo que objetiva, partindo de uma experiência tão subjetiva, não contenha elementos específicos, de uma das culturas em contato. No caso de uma análise linguística, podemos encontrar nos relatos os itens culturalmente marcados², descritos por Aixelá (1997),

Os itens culturalmente marcados são geralmente expressados em um texto por meio de objetos, sistema de classificação e medida, os quais são de uso restrito de uma cultura fonte, ou por meio da transcrição de opiniões e descrição de hábitos igualmente estrangeiros para a cultura alvo. (Aixelá, 1997, p.56, tradução nossa).

Inicialmente, a análise parece simples e objetiva, porém, em função da natureza da atividade tradutória, ela apresenta diversos desafios, como aponta Aixelá ao definir o ato de traduzir como um “complexo processo de reescrita”.

A assimetria cultural entre duas comunidades linguísticas é necessariamente refletida nos discursos de seus membros, com a potencial opacidade e inaceitabilidade que isso pode resultar para o sistema cultural alvo. (Aixelá, 1997, p.54, tradução nossa).

As diferenças não residem apenas no código linguístico, Aixelá também considera as diferenças interpretativas, pragmáticas (variações nas convenções para os diferentes tipos de discurso) e culturais (considerando-se ainda a distância temporal, há uma infinidade de elementos, que podem ser particulares e distintos de outras culturas ou apresentar sobreposições).

1.3.2 Tipos de itens culturalmente marcados

O processo de identificação de um elemento textual como um item culturalmente marcado não ocorre sem ambiguidades, pois trata-se de um produto de um sistema cultural (incluindo a língua). Há uma tendência a se considerar elementos como: endereços, nomes próprios, obras de arte, figuras históricas, entre outras coisas, dentro de um contexto cultural específico. Aixelá (1997) considera que

² Outros autores utilizam o termo "item culturalmente específico" ao fazerem referência ao trabalho de Aixelá (1997).

existem ainda outros elementos e situações e o tradutor precisa lidar com lacunas interculturais e ampliar sua visão sobre tais itens.

Em relação aos itens culturalmente marcados e a tradução, o autor ainda pontua a importância temporal e histórica, já que o potencial leitor e o contexto que o cerca, com seus valores e hábitos, também mudam no decorrer do tempo. Assim, o ICM não existe por si só, na tradução; sua natureza dependerá da relação dinâmica existente entre esta e o contexto intercultural trabalhado. A convencionalidade deverá ser levada em conta no trabalho dos tradutores, por meio de fatores como o uso, a frequência e a ideologias relacionadas.

Aixelá afirma que toda a problemática em torno da definição do que é ou não um ICM implica em uma certa (inevitável e desejável) flexibilidade na análise. Mesmo levando os vários fatores em conta, é a materialização textual dos ICM, que permite que exista a possibilidade de categorização dos ICM, de acordo com Aixelá:

(...) se é verdade que um ICM apenas existe em sua materialização textual, e sempre do ponto de vista do grupo receptor da mensagem, é também um fato que a maioria dos itens linguísticos que parecem ser ICM em um texto tangível são quase sempre, simplesmente pela diferença cultural tender a ser sincronicamente estável entre dois determinados povos, independente de sua posição textual. É esta regularidade que permitiu aos estudantes de tradução estabelecer primariamente categorias de ICM e serem coerentes. Isso também permite que nós possamos estabelecer e discutir as situações mais arquetípicas em que estes itens aparecem. (Aixelá, 1997, p.59, tradução nossa).

Dois tipos básicos de ICM são os nomes próprios e as expressões comuns (que incluiria todos os itens que não podem ser classificados como nomes próprios). Aixelá segue a categorização proposta por Hermans em 1988 para os nomes próprios, classificados como "convencionais", quando não possuem um "significado" ou "motivação" dentro do texto. Já os nomes próprios "carregados", no caso da literatura, possuem alguma expressividade e significação dentro do contexto cultural trabalhado. Em relação às expressões comuns, Aixelá pondera que as complicações aumentam bastante, já que além da própria natureza do ICM, fatores supratextuais, textuais e intratextuais adquirem uma importância maior.

1.3.3 Estratégias de tradução de ICM

Aixelá (1997) propõe estratégias tradutórias para os ICM com a observação de que pode haver sobreposição entre elas, algo que pode ser destacado em uma análise. Portanto, o tradutor poderá combinar estratégias, podendo inclusive utilizar estratégias diferentes para um mesmo ICM. Aixelá as subdivide em dois grupos, as conservativas e as substitutivas, e discute cada estratégia, do menor ao maior grau de manipulação intercultural que elas apresentam.

As estratégias de conservação apresentam menor grau de manipulação intercultural, logo, a primeira estratégia elencada é caracterizada pela manipulação mínima que é a “repetição”. Nesta, há a manutenção ao máximo da referência do texto fonte, o que pode gerar estranhamento ao leitor na língua alvo. Exemplifica-se nesta situação o paradoxo existente na relação de proporcionalidade em que, quanto maior o respeito ao texto fonte, maior o caráter exótico do texto alvo. Um exemplo seria como o tradutor lida com os topônimos.

A segunda estratégia de conservação é a “adaptação ortográfica”, que utiliza de transcrição e transliteração, geralmente quando há uma diferença de alfabetos entre as culturas em contato, ou quando se referencia uma terceira cultura. A terceira estratégia é denominada “tradução linguística” ou “tradução não cultural”. Nota-se que esta seria uma perspectiva que não considera a língua como elemento da cultura, como aponta Agra (2007):

A linguagem é um código simbólico através do qual mensagens são transmitidas e entendidas, informações são decodificadas e classificadas e eventos são anunciados e interpretados, e a Cultura é o conjunto de ações: maneira de vestir-se, escolha de alimentos e modos de comê-los, enfim, todos os modos, hábitos, pensamentos e crenças. Todas as maneiras de atuar que formam os costumes, o contexto, o cenário. Assim como a linguagem, a cultura é um código simbólico através do qual mensagens são transmitidas e interpretadas. Entretanto, mais do que um código, a cultura é um cenário de composições e de orientações para o mundo embalado em símbolos e formas simbólicas (Agra, 2007, p. 2).

Nesta estratégia trabalha-se com um corpus intertextual de outras traduções na língua alvo, utilizando-se de uma referência próxima da língua fonte, fazendo-se reconhecer como parte da cultura fonte, como por exemplo, as unidades de medida

e moedas. A quarta e a quinta estratégias lidam com as situações em que o tradutor opta por explicar o significado de um ICM. A “explicação extratextual” é feita por meio de notas, glossário, comentário entre parênteses. Já a “explicação intratextual” é feita diretamente no texto, para não interromper o fluxo da leitura.

Nas estratégias de substituição, há a utilização de “sinônimos”, principalmente para se evitar a repetição por questões estilísticas. A “universalização limitada” consiste em buscar uma referência próxima da língua fonte, quase um sinônimo, com objetivo de clarificar um ICM, tornando-o menos específico para o leitor. A “universalização absoluta”, por outro lado, também visa clarificar o ICM para o leitor, mas sem uma busca por aproximação de uma referência na língua fonte.

As três últimas estratégias estão mais distantes das referências à língua fonte. A “naturalização” promove a substituição do ICM da língua fonte por algo também específico, porém da cultura alvo. A “exclusão” ocorre quando o tradutor acredita que o ICM não tem relevância ou é inaceitável em bases ideológicas ou estilísticas. E por fim, a “criação autônoma” é a adição de referências culturais não existentes no texto fonte.

1.3.4 O viajante-tradutor, o Outro e os ICM

As opções tradutórias relativas aos ICM serão essenciais para a qualidade do produto final. Porém, a tendência a ser seguida pelo tradutor estará de alguma forma já determinada pelo contexto e projeto tradutório, até mesmo anterior ao início do trabalho. A dicotomia estabelecida, segundo Aixelá (1997), pela própria natureza da tradução entre “traduzir como o original” (conservação) e “traduzir como um original” (naturalização), correlacionada aos conceitos propostos por Venuti, estrangeirização e domesticação, explicita que a zona de contato entre as duas culturas e as relações de poder existentes determinarão, ainda que indiretamente, algumas ou todas as escolhas realizadas.

Essa zona de contato entre as duas culturas é a base do processo tradutório. Nos relatos de viagem, essa relação já se estabelece no primeiro contato. A experiência sensorial e interpretativa da viagem pode ser vista como uma primeira tradução em que o viajante traduz e descreve “o Outro” e por meio de seu relato.

Neste processo, é importante considerar quem é o “Outro”, quem é o “tradutor” e para que leitor este tradutor-viajante escreve.

O viajante é o tradutor que pertencente a uma cultura, língua e localização fará um relato, uma descrição de uma experiência que vivenciou em outro lugar, com cultura, hábitos, valores, língua e história diferentes (em maior ou menor grau) da sua. Portanto, o relato por mais objetivo que possa parecer, tendo em vista que muitos relatos produzidos ao longo do século XIX, por exemplo, tinham um viés científico, será produzido do ponto de vista do viajante. E este não estará nunca isento de utilizar a sua própria lente ao ver a outra cultura. O Outro é o nativo da cultura visitada, o indivíduo/povo descrito pelo viajante. E neste primeiro caso, o leitor é o indivíduo/povo pertencente à cultura do viajante, que consumirá os relatos, em seu idioma, escrito por um par, que mesmo com as diferenças individuais, possuem lentes parecidas em diversos aspectos, como exemplo o linguístico.

Se pensarmos nestes relatos sendo traduzidos para outras línguas, estaremos lidando com relações entre mais de duas culturas. Os tradutores, neste caso, terão seus desafios próprios das relações interculturais envolvidas com vistas a um leitor que não é pertencente a nenhum dos sistemas anteriores, nem do descrito, nem do descritor. Entretanto, quando lidamos com a tradução do relato de viagem para a língua da cultura descrita, as variáveis envolvidas mudam e, consequentemente, a natureza do que se pretende com a tradução realizada.

No trabalho de Aixelá (1997), o autor analisa os ICM e as estratégias tradutórias a partir do livro *The Maltese Falcon*, de Dashiell Hammett, e três traduções para o espanhol, além da retrotradução das mesmas, palavra por palavra, para o inglês. No caso do estudo de um relato de viagem, pode-se considerar o texto produzido pelo viajante como uma primeira tradução, pois, como foi dito, elementos de um contexto cultural específico são traduzidos para um leitor de outra cultura. E a tradução propriamente dita de elementos culturais como os ICM presentes no relato para o idioma da cultura descrita seria uma retrotradução, já que o leitor se encontra na posição de hiperinstruído, levando-se em conta o conhecimento prévio à leitura de sua própria cultura e língua.

CAPÍTULO 2 – DARWIN NO BRASIL

2.1 Charles Darwin: vida e obra

Charles Robert Darwin (1809-1882) nasceu em 1809, em Shrewsbury, Inglaterra. Antes de despontar como figura central no século XIX, Darwin já havia dado, literalmente, a volta ao mundo. Antes de sua extraordinária viagem, iniciou sua vida acadêmica na Universidade de Edimburgo, Escócia, em 1825. Havia a expectativa de seu pai, médico, de que ele se formasse e seguisse, também, carreira na medicina (Wyhe, 2006). Diante do desinteresse do filho, Robert Waring Darwin, o inscreveu em Cambridge, sendo Charles aceito em 1827, agora, na expectativa de que seguisse a carreira religiosa.

Desde muito antes das duas experiências acadêmicas, era grande o interesse dele por história natural. O período em Edimburgo e Cambridge propiciou o contato com outros pensadores e estudiosos em diversas áreas, que ampliaram seu conhecimento, auxiliando Darwin a se tornar, de certa forma, um apaixonado naturalista amador. Neste período ele aprendeu muito sobre taxidermia, botânica, zoologia e geologia. Graduou-se em 1831 em Artes, pela Christ's College, da Universidade de Cambridge (Wyhe, 2006).

Após graduar-se e participar de uma viagem de campo na área da geologia ao País de Gales, com o professor Adam Sedgwick, onde aprendeu muito sobre tal campo da ciência, Darwin voltou a Cambridge, e recebeu o convite de John Stevens Henslow, professor de botânica, a quem admirava, para que embarcasse a bordo de uma expedição à América do Sul. A bordo do HMS Beagle³, da Marinha Real Britânica, que tinha como capitão, Robert FitzRoy, ele partiu em uma viagem de pesquisa, como naturalista, mas não como naturalista de bordo, tal função foi ocupada por outro Robert, o McCormick. Esta função também acumulava a rotina de cirurgião da embarcação (o que consideramos hoje como um médico). Devido à sua origem abastada, durante muito tempo acreditou-se que Darwin havia embarcado apenas como companhia para o Capitão. Hoje sabe-se que havia interesse também

³ HMS é uma abreviação para "*His Majesty's Ship*" or "*Her Majesty's Ship*". É uma abreviação usada para nomes de navios da Marinha Real Britânica. O "*Beagle*" é um dentre nove navios com o mesmo nome destinados a missões de reconhecimento.

em seu trabalho como naturalista, especialmente no campo da geologia, mesmo com sua inexperiência. Com as experiências da viagem, Darwin publicou sua primeira obra em 1839, aos 30 anos de idade, *Journal of Researches*, que posteriormente viria a se chamar *The Voyage of the Beagle*, objeto de estudo deste trabalho e discutido com mais detalhes ainda neste capítulo.

Apesar do pensamento evolucionista ter surgido antes de Darwin, foi a partir de sua obra, *A origem das espécies*, que o assunto tomou outra proporção no século XIX e sedimentou-se como base da biologia moderna. A teoria de Darwin alterou completamente a visão sobre os seres vivos, em geral, e do homem, em particular. A publicação da obra se tornou um marco científico, e conseqüentemente, foi traduzida para outros idiomas.

No artigo *Tradução científica em língua portuguesa: o caso da Origem das espécies de Charles Darwin*, Machado (2019) analisa a historiografia das traduções em língua portuguesa do livro mais célebre de Darwin. Discute o contexto em que foram produzidas, a originalidade (verificou-se plágio em algumas delas) e exemplos de escolhas tradutórias que poderiam ser analisadas e discutidas e a importância disso para a literatura científica.

Machado (2019) considera literatura científica um conceito amplo, incluindo diversos tipos textuais relacionados à ciência (artigos, livros técnico-científicos, jornais, revistas, blogs, manuais, livros didáticos, apostilas e livros de divulgação científica). A tradução é considerada um elemento importante para que a ciência seja divulgada, pois “internacionaliza a literatura científica da língua de partida e forma uma cultura científica de chegada” (Machado, 2019, p. 60). Porém, a invisibilidade do tradutor é comum nesse tipo de tradução, excetuando-se os casos em que o tradutor realiza escolhas tradutórias que sejam consideradas “impróprias”.

Ainda no século XIX, a obra teve mais cinco edições revistas pelo próprio Darwin. Levantamentos bibliográficos indicam que as primeiras traduções publicadas foram feitas para os seguintes idiomas: alemão (1860), holandês (1860), francês (1862), russo (1864), italiano (1864), dinamarquês (1872), húngaro (1873), espanhol (1877) e polonês (1884). Há registros de traduções parciais e adaptações que datam de 1877, porém a primeira tradução completa em língua portuguesa é de 1913, realizada por Joaquim Dá Mesquita Paúl, médico português, publicada pela livraria

Chardron, em Porto. Importante ressaltar que essa é uma tradução indireta do francês da versão francesa de 1876 de Edmond Barbier. Segundo Machado (2009), há 14 traduções para a língua portuguesa realizadas ao longo do século XX, sendo a primeira tradução integral feita diretamente do inglês somente em 1985.

Alguns dos dados coletados durante a viagem serviram de base para a produção de sua maior obra, *A origem das espécies*. A primeira publicação original de *The origin of species by means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life* ocorreu em 1859. O livro é dividido em quinze capítulos e os primeiros abordam a variação dos seres vivos (sob domesticação e em ambiente selvagem) e a luta pela sobrevivência; discorrem ainda sobre o ponto chave de sua teoria, a seleção natural, e as dificuldades e objeções à mesma. Conceitos como instinto e hibridismo são discutidos nos capítulos seguintes. As relações entre os dados geológicos com a biologia das espécies ao longo do tempo e a distribuição geográfica das mesmas são os temas finais trabalhados antes das conclusões no capítulo quinze.

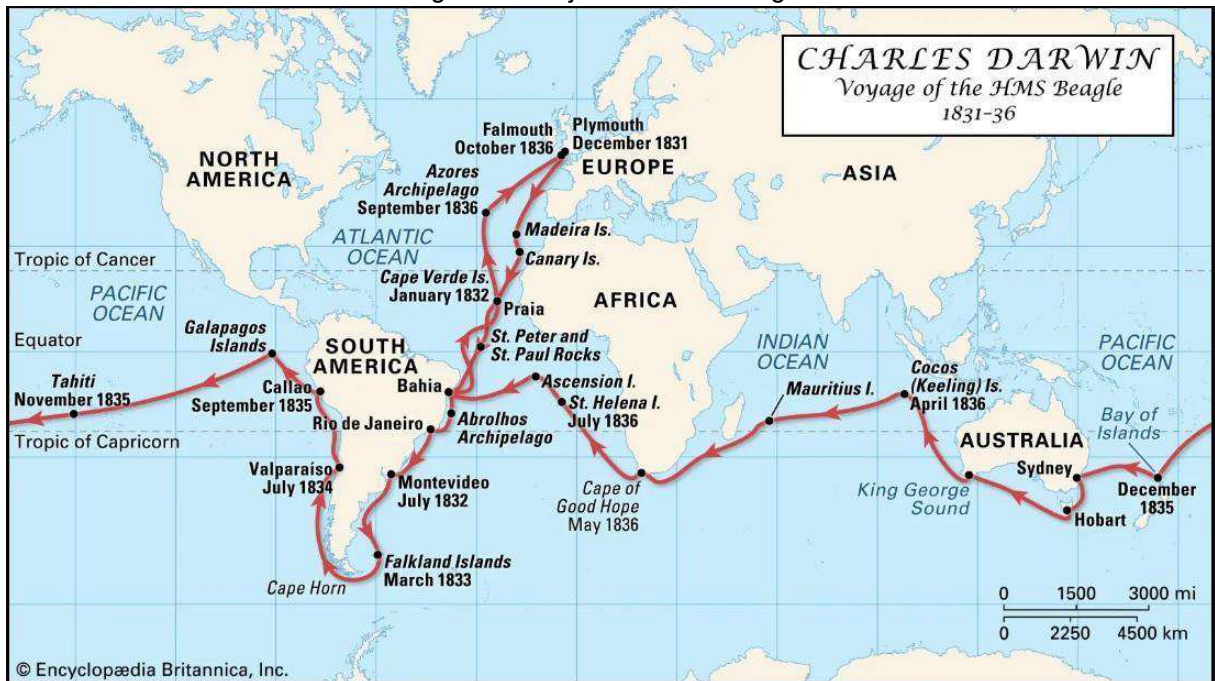
Darwin morreu em 1882, aos 73 anos, na Inglaterra. Mesmo que a discussão científica em torno da produção científica de Darwin girar em torno de *A origem das espécies*, ele produziu trabalhos em diversas áreas, como a biologia, como seus artigos sobre as diferentes formas de flores em plantas de uma mesma espécie e até da expressão de emoções em homens e animais, e a geologia, com descrições da geologia da América do Sul e de ilhas vulcânicas. Grande parte desse material de pesquisa produzido pelo naturalista britânico não possui tradução para a língua portuguesa.

2.2 A Viagem do Beagle

Uma análise da obra *The Voyage of the Beagle* (Darwin, 1997), mostra que a expedição de pesquisa teve duração de cinco anos, sendo o plano inicial de apenas dois. Os objetivos estavam relacionados à obtenção de dados sobre a cartografia da costa sul americana, sobre a geologia da Terra do Fogo, entre outros dados científicos. O HMS Beagle partiu em 27 de dezembro de 1831 e em 2 de outubro de 1836 chegou novamente à Inglaterra (Figura 1). Passou por Cabo Verde (onde o relato se inicia) para chegar à América do Sul. Nesse continente, a viagem começa no Brasil (Arquipélago de São Pedro e São Paulo, Fernando de Noronha, Salvador e

Rio de Janeiro), seguindo para Uruguai, Argentina (Ilhas Malvinas, Patagônia), Chile, Peru e Ilhas Galápagos. Depois o barco foi para o Taiti, Nova Zelândia, Austrália, Ilhas Maurícias e, finalmente, retornou à sua terra natal em Londres. Nessa pesquisa, serão analisados os dados do relato sobre o primeiro trecho da viagem, a passagem pelo continente sul-americano, o Brasil, em particular.

Figura 1 - Trajeto do HMS Beagle



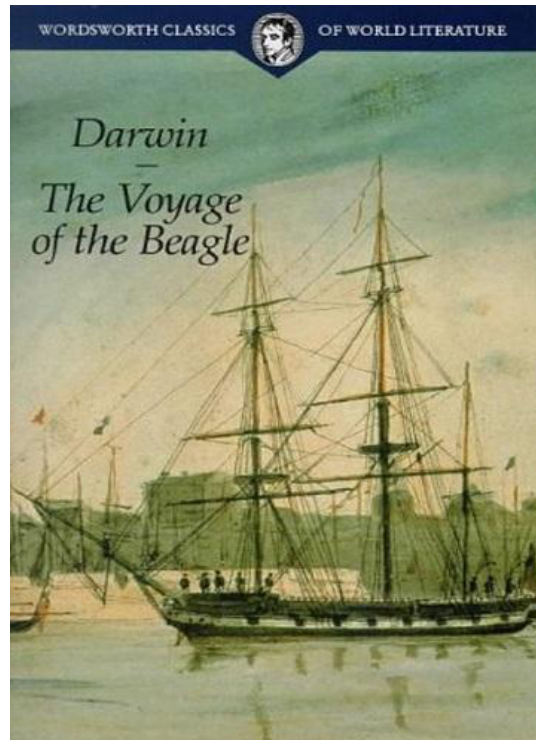
Fonte: <https://www.britannica.com/biography/Charles-Darwin>, 2025

Há algumas publicações de trechos escolhidos focados em áreas específicas da ciência, como zoologia, geologia, paleontologia, mineralogia, sendo publicadas desde a primeira edição. A edição em língua inglesa utilizada neste trabalho apresenta como título *The Voyage of the Beagle*, sem subtítulos (Figura 2). Essa publicação é organizada em capítulos, narrando a experiência de Darwin em trechos específicos da viagem. Portanto, os títulos dos capítulos fazem referência à localização geográfica do trecho em questão.

Totalizando 21 capítulos, inicia-se com o “St.lago - Cape de Verd Islands”, sobre a passagem por Cabo Verde, que contém uma breve descrição da partida da Inglaterra, com a importante marcação temporal datando o início da viagem. Vale ressaltar que neste capítulo ainda temos parte de sua passagem pelo Brasil, no curto período em que esteve em Salvador. O segundo capítulo, que é o de maior importância para este trabalho, é intitulado “Rio de Janeiro”. Do terceiro capítulo,

“Maldonado” até o décimo sétimo, “Galapagos Archipelago”, narram sua passagem pelo restante da América do Sul (Terra do fogo, Ilhas Malvinas, Patagônia, Andes, entre outros locais). Os demais até o último, intitulado “Mauritius to England”, narram a passagem pela Oceania, Polinésia, Ilhas Maurícias, na África e retorno à Inglaterra.

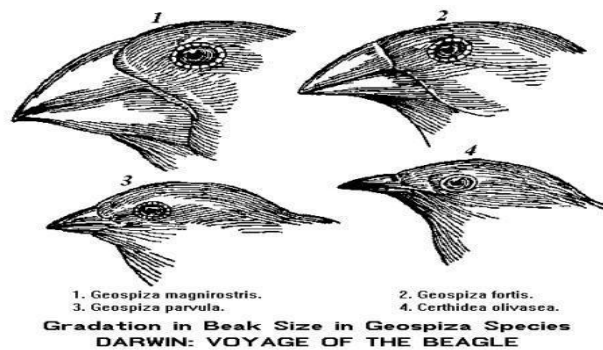
Figura 2 - Capa da edição em língua inglesa utilizada neste trabalho



Fonte: Darwin, 1997

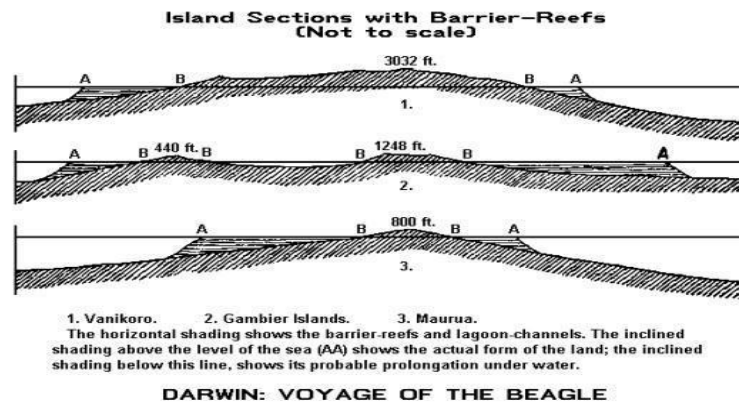
Durante o percurso, Darwin coletou espécimes fósseis, materiais biológicos preservados e dados de observação. Muitos destes dados eram anotações e ilustrações rascunhados por ele. Algumas dessas ilustrações possivelmente foram adaptadas e aparecem em algumas publicações feitas em língua inglesa. Referem-se à descrição de seres vivos (como corais, algas, as famosas variedades dos bicos das aves de Galápagos (Figura 3)) ou do relevo e geologia (rochas vulcânicas, formação dos recifes (Figura 4)).

Figura 3 - Variações dos bicos das aves de Galápagos



Fonte: Darwin, 1997.

Figura 4 - Dados obtidos sobre a formação dos recifes.



Fonte: Darwin, 1997.

O texto possui diversas notas de rodapé na edição em língua inglesa utilizada neste trabalho, totalizando 180 notas. As notas são, em sua maioria, referenciais, com comentários sobre pessoas e obras citadas no texto, desde os autores de obras que Darwin considerava referência de alguma área específica, passando por naturalistas que já haviam feito descrições de animais e plantas que Darwin havia coletado ou que já haviam participado de expedições às mesmas localidades, até obras enciclopédicas e taxonômicas e ainda publicações e periódicos científicos. Outras notas tinham natureza descritiva e explicativa, com experiências específicas vividas pelo autor, descrições das análises de amostras coletadas e modificações feitas pelo autor desde a primeira edição. Algumas poucas notas são comentários de natureza linguística.

2.3 A passagem pelo Brasil: lugares e importância

O período descrito no diário de 16 de fevereiro a 05 de julho de 1832 apresenta o percurso e informações sobre a percepção de Darwin durante sua passagem pelo Brasil. Após passar por Cabo Verde, ao cruzar o Atlântico, o Beagle passa pelo Arquipélago de São Pedro e São Paulo, que são formações rochosas não povoadas, pertencentes ao estado de Pernambuco. Neste primeiro trecho, o Beagle também passa pelo Arquipélago de Fernando de Noronha em 20 de fevereiro, ambos os locais são citados por questões de observações de relevo, formações rochosas e características do ecossistema e coleta de alguns dados.

Em um segundo momento, o Beagle aportou em Salvador, Bahia, em 29 de fevereiro de 1832 e Darwin descreve seu maravilhamento com a exuberância da vegetação e com o clima. Mas aqui é interessante notar o foco maior na análise de dados coletados, descrições indiretas e comparações em relação a trechos posteriores da viagem. Não há comentários específicos sobre experiências neste trecho da passagem. Relatos de Darwin, em cartas e obras posteriores, podem explicar tal diferença nos relatos entre a parada em Salvador e no Rio. Darwin supostamente estava doente, o que o impedia de explorar mais ativamente a localidade, e teria permanecido maior parte do tempo na embarcação durante a passagem. Vale ressaltar que estes primeiros momentos em território brasileiro estão no texto original no primeiro capítulo referente a Cabo Verde.

O segundo capítulo é intitulado “Rio de Janeiro”, onde Darwin passou a maior parte do tempo, sendo suas experiências mais detalhadas neste período, de 5 de abril a 5 de julho de 1832. Nestes 3 meses, o naturalista aproveitou para excursionar pelo interior, indo até o norte de Cabo Frio. Neste trecho ele narra com detalhes e muitos comentários sua percepção sobre diversos aspectos.

Darwin descreve com riqueza de detalhes os ecossistemas, o relevo, o aspecto da vegetação e cita os diversos organismos animais que encontra pelo caminho e também aqueles que coleta. Descreve comportamentos animais observados e faz comparações com a literatura já descrita. Comenta sobre a geologia e o clima da região, especificando os locais (Corcovado, Pedra da Gávea, Baía de Botafogo, Jardim Botânico). Em algumas ocasiões, saiu acompanhado em

caçadas e foi até presenteado ou apresentado a espécimes de animais da fauna nativa.

Mas o que mais chama atenção é a descrição de costumes, habitações, recepção e comportamento dos locais e sua visão sobre a escravização. Ele descreve a estrutura física de propriedades, as construções existentes e fala ainda sobre a má condição das estradas. Em sua passagem por hospedarias, descreve o tratamento recebido nelas. Tece comentários sobre a destreza dos locais com armas “brancas”, associando esse fato à violência e alto número de homicídios, reforçando uma visão europeia da América do Sul como uma terra sem lei.

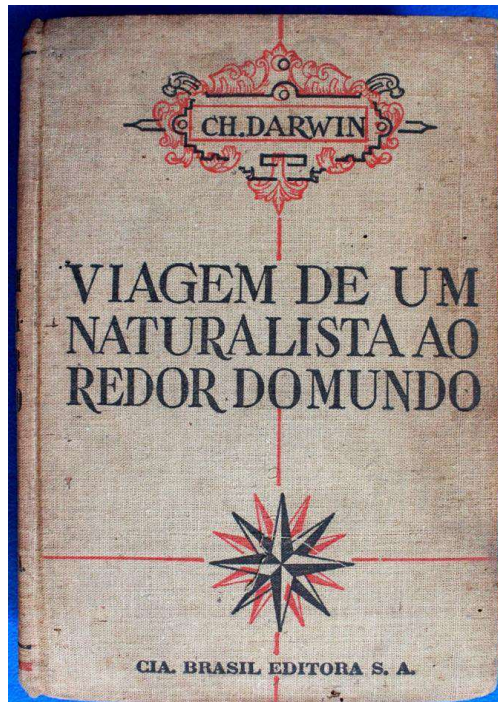
Por fim, vale destacar um dos temas comentados por Darwin. *Slavery* se encontra entre as palavras-chave no início do capítulo (Darwin, 1997). Em alguns trechos, ele narra com detalhes encontros com escravizados e escravizadores, comentando seu sentimento em relação à experiência. Há a descrição de um quilombo e a narração de um caso de que tomou conhecimento e que teria ocorrido no local; narra ainda o que parece ser a rotina de uma refeição em uma fazenda escravista e é notável como descreve sua aversão ao visitar um mercado de escravizados. No próximo capítulo, apresentam-se as traduções analisadas neste estudo.

CAPÍTULO 3 – AS TRADUÇÕES DO DIÁRIO

Em levantamento realizado para o presente trabalho, foram encontradas algumas traduções publicadas de *The Voyage of the Beagle* para a língua portuguesa: cinco traduções publicadas no Brasil e uma em Portugal. Em pesquisa online, foram encontrados vestígios de outras possíveis traduções ou novas edições de traduções em sites de sebos online, mas foi possível encontrar apenas a capa dessas obras. A maior parte dessas possíveis traduções aparentam ser publicações antigas e indisponíveis. Podemos perceber a diferença na quantidade das 14 traduções para a língua portuguesa realizadas ao longo do século XX de *A Origem das Espécies* (Machado, 2009), para cinco do diário encontradas no levantamento. Em meios digitais é possível encontrar trechos traduzidos dos relatos de viagens para trabalhos acadêmicos ou para sites dedicados a informações sobre Darwin, porém não publicados oficialmente.

Para este trabalho, utilizou-se três traduções dentre as cinco publicadas no Brasil: Carvalho 1979, Gonzaga 2008 e Galindo 2015; dois textos foram encontrados no formato físico e um dos textos foi encontrado online em formato .pdf. Curiosamente, as duas traduções não consideradas neste trabalho foram, cronologicamente, a edição mais antiga e a mais recente. A mais antiga é de 1937 e foi publicada pela Cia. Brasil Editora S.A. com o título *Viagem de um naturalista ao redor do mundo*, sendo o nome de Darwin escrito como Ch. Darwin (Figura 5). Não havia informações disponíveis sobre o tradutor na descrição, assim como não há na capa e o texto não foi encontrado online para ser incluído na análise.

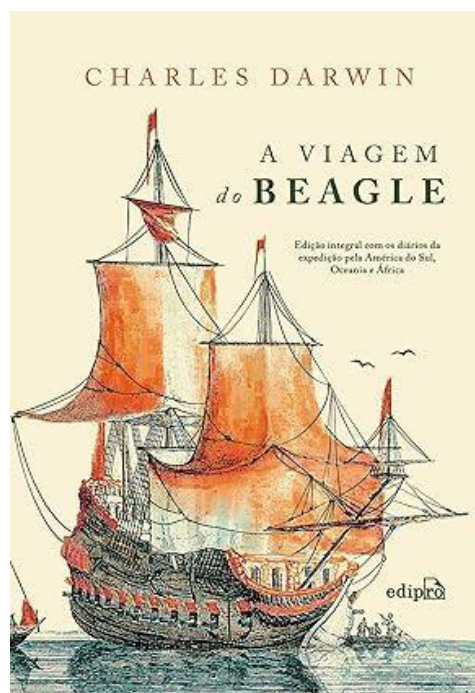
Figura 5 - Capa da tradução de 1937 (Darwin, 1937)



Fonte: Darwin, 1937

A tradução mais recente foi publicada em 2024 com título *A Viagem do Beagle* pela Edipro Grupo Editorial e traduzida por Daniel Moreira Miranda com prefácio de Héctor Palma (Figura 6). Esta tradução não foi incluída na análise porque sua publicação foi posterior ao início da pesquisa.

Figura 6 - Capa da tradução de 2024

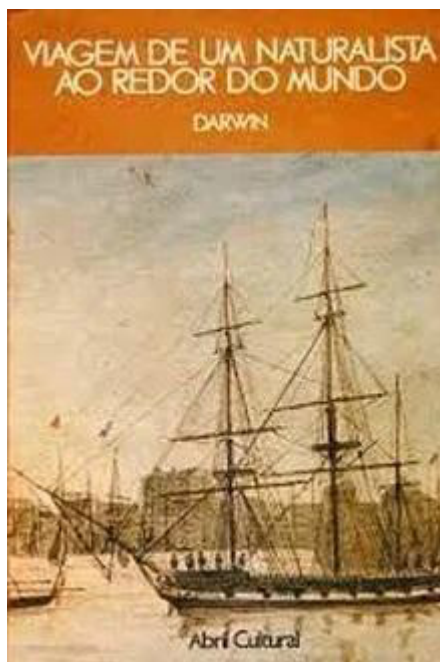


Fonte: Darwin, 2024

A primeira tradução analisada foi publicada em 1979, sob o título de *Viagem de um naturalista ao redor do mundo (trechos escolhidos)* (Figura 7). A realização da tradução foi atribuída a J. Carvalho e publicada pela Abril Cultural. Não há uma página de rosto com informações técnicas sobre a publicação da tradução, talvez um costume editorial do período. Assim, não foi possível obter maiores informações sobre tradutor, editor, revisor e restante da equipe técnica.

Tal ausência não impede que diversas observações sejam feitas sobre o produto de tal projeto tradutório. A página de rosto da publicação apresenta os dados de uma das edições do diário em língua inglesa, publicada em 1871 e utiliza inclusive a tipografia e diagramação que parecem tentar reproduzir uma publicação original mais antiga. Na página seguinte, há a tradução de uma dedicatória de Darwin a Charles Lyell, geólogo escocês referência para ele. A tradução de um prefácio escrito para a edição de 1845 e um trecho *post-scriptum* que data de 1860 estão presentes antes do índice.

Figura 7 – Capa da Tradução de J.Carvalho



Fonte: Darwin, 1979

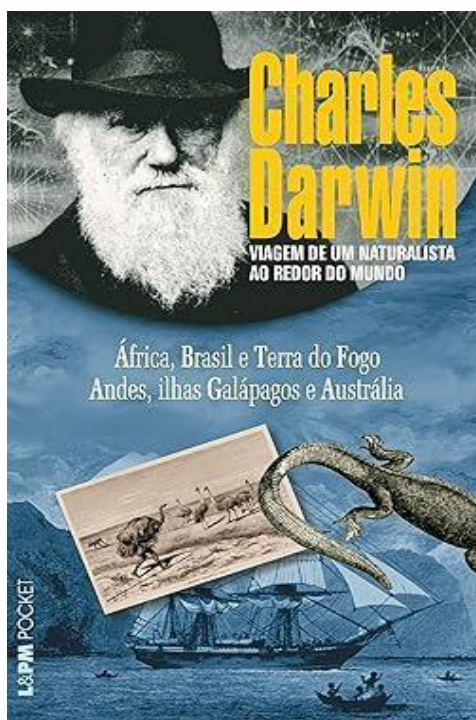
O índice e a organização do texto também dão indicações de como seria o projeto tradutório da publicação. A tradução é composta de 21 capítulos intitulados com nome de locais específicos da viagem. Ambos, índice e início de cada capítulo

apresentam um grupo de palavras-chave de temas ou tópicos que serão tratados, descritos ou comentados no capítulo. Tal estrutura também está presente na publicação em língua inglesa utilizada para este trabalho. Os capítulos seguem a ordem cronológica das datas dos eventos ou comentários em questão.

Vale ressaltar um fato interessante sobre esta tradução de 1979: ao final do livro há um apêndice dedicado a “Notas do consultor”. As notas são em um total de 24 e de caráter técnico sobre ciências naturais. As notas são de autoria de Ladislau Deutsch, da equipe da Fundação Parque Zoológico de São Paulo, sobre quem é possível encontrar mais informações do que sobre o tradutor.

A segunda é uma tradução completa, pois não há menção sobre trechos escolhidos (Figura 8). Foi publicada sob o mesmo título, *Viagem de um naturalista ao redor do mundo*, pela editora L&PM, no catálogo pocket, em 2008 tanto na forma de volume único, quanto dividido em duas partes (Vol 1. África, Brasil e Terra do fogo, Vol 2. Andes, ilhas Galápagos e Austrália). O tradutor desta versão é Pedro Gonzaga, e apresenta ao final da obra as informações técnicas da equipe (tradutor, revisor, preparador e responsáveis pela capa e mapas presentes) e da editora.

Figura 8 – Capa da tradução de Pedro Gonzaga



Fonte: Darwin, 2008

O livro se inicia com um mapa mundi na cor cinza com algumas das cidades visitadas pelo Beagle. Apresenta o mesmo prefácio da tradução de Carvalho, mas não há índice, porém a estrutura com 21 capítulos é utilizada. A titulação e estrutura dos capítulos com palavras-chaves no início continuam. Uma diferença perceptível desta para a primeira tradução é a presença de ilustrações, também presentes no texto em língua inglesa utilizado neste trabalho, e a ausência de complementos como o apêndice de notas da tradução de 1979.

A terceira tradução analisada também foi publicada pela primeira vez em 2008, mas foi utilizada a 2ª reimpressão de 2015 pela Editora UFPR com título *O Diário do Beagle* (Figura 9). O tradutor é o renomado prof. Caetano Waldrigues Galindo, o revisor Márcio Renato Guimarães e responsável pelo posfácio Fernando Fernandez. Essa tradução tem diferenças notáveis, como os nomes do tradutor, do revisor e do autor do posfácio na capa da publicação. As páginas de rosto identificam devidamente a editora e a equipe do projeto. O livro se inicia com uma breve “Nota do tradutor” (ANEXO A), escrita em 2005, e ainda com as notas do revisor, também de 2005.

Figura 9 – Capa da tradução de Caetano W. Galindo



Fonte: Darwin, 2015.

Há um índice que indica que a estrutura textual adotada é diferente das traduções anteriores. A estrutura textual é, assim, dividida temporalmente com foco nos anos e meses e não nos locais. Não há títulos ou palavras-chave no início de cada capítulo, nem ilustrações ao longo do texto. As notas do tradutor e do revisor totalizam 192. O posfácio possui o título *Viagem ao coração do mistério dos mistérios*.

Na seção “Nota do tradutor”, Galindo deixa claro que sua tradução é a primeira que contém o conteúdo na íntegra dos diários, ressaltando que foram usadas mais de uma edição do texto fonte e dando destaque à edição organizada pelo neto de Darwin, Richard Darwin Keynes,

Keynes trabalhou com os originais de seu avô e, como não poderia deixar de ser, aproveitei de seu trabalho algumas notas esclarecedoras e registro de alguns, não muitos, trechos excluídos pela mão do próprio Darwin quando preparou os cadernos para sua primeira edição. Em alguns casos vi por bem incluir os fragmentos deletados, especialmente no trecho do diário que se refere ao Brasil, por eles representarem uma primeira visão, algo crua, do observador europeu sobre nossa realidade. Os mecanismos que levaram Darwin a censurar ou reformar certos trechos podem assim ser investigados ou hipotetizados por vocês. (Darwin, 2015, Nota do tradutor, p.6)

Sendo assim, é importante destacar que as três traduções utilizaram textos fontes diferentes. Não há informações sobre o texto fonte utilizado na tradução de Carvalho 1979. A tradução de Galindo 2015, conforme esclarecido na Nota do tradutor, utiliza mais de um texto fonte, e a tradução de Gonzaga 2008 não deixa claro seu texto fonte, mas permite inferir, pelas semelhanças estruturais de organização textual já descritas aqui, que teria sido utilizada a versão de 1997.

O capítulo 4 analisa alguns itens culturalmente marcados (ICM), no texto fonte e nas três traduções selecionadas, com o objetivo de observar as estratégias utilizadas, bem como as semelhanças e diferenças entre as soluções encontradas, e são feitas algumas inferências sobre essas soluções.

CAPÍTULO 4 – A TRADUÇÃO DOS ITENS CULTURALMENTE MARCADOS

Os dados analisados no presente trabalho foram obtidos por meio de um levantamento feito na obra em língua inglesa *The Voyage of the Beagle* (Darwin, 1997) tendo como base teórica o trabalho de Aixelá (1997) sobre os itens culturalmente marcados e suas discussões sobre a natureza e os tipos de ICM para tradutores, separados em nomes próprios e expressões comuns, conforme já discutido aqui na seção 1.3.1 e 1.3.2.,

Em outras palavras, na tradução, um ICM não existe por si só, mas como resultado de um conflito decorrente de qualquer referência linguística representada em um texto fonte que, quando traduzido em uma língua alvo, apresenta um problema de tradução, dada a não existência ou ao diferente valor (seja determinado pela ideologia, uso, frequência, etc.) do item dado na cultura da língua alvo (Aixelá, 1997, p.57, tradução nossa).

Após a leitura do trecho do diário que descreve a passagem de Darwin pelo Brasil, foram levantados mais de 300 itens, considerado-se palavras e expressões que possivelmente apresentassem alguma marca cultural, como, por exemplo, nomes de pessoas e lugares, itens relacionados às ciências naturais, unidades de medida, entre outras. Desses itens, foram eliminados os nomes de cientistas aos quais Darwin citava, nomes de lugares que não fossem localizações no território brasileiro, nomes científicos e nomes de seres vivos referenciados apenas a título de comentário científico de comparação zoológica ou botânica e unidades de medida. Assim, restaram 36 ICM para a análise final.

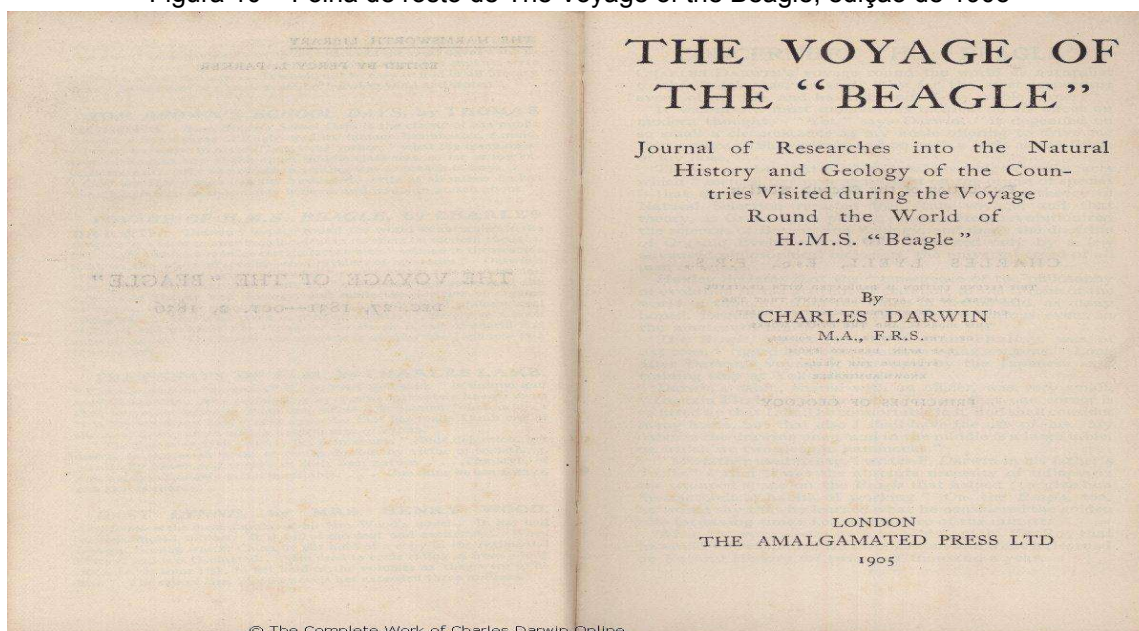
A partir das duas categorias propostas por Aixelá (1997), nomes próprios e expressões comuns, os 36 ICM selecionados foram classificados em quatro grupos de acordo com o tema de abrangência ou campo semântico a que fazem parte: i)Topônimos, ii)Antropônimos, iii)Fauna/Flora/Ecossistema e iv)Brasileirismos. Foi também proposta uma análise das traduções do título da obra como uma categoria à parte. Os dados foram tabulados com os títulos e os ICM presentes na versão em inglês e as traduções de Carvalho 1979, Gonzaga 2008 e Galindo 2015. As próximas seções apresentam a análise de dados de cada um desses cinco pontos.

Após levantamento, seleção e tabulação dos itens culturalmente marcados e títulos, foram discutidas as estratégias tradutórias utilizadas pelos tradutores de acordo com o Aixelá (1997) e foram feitas algumas inferências sobre as escolhas realizadas por eles em seus trabalhos. É importante ressaltar que algumas inferências dizem respeito a estratégias de manipulação que podem ser identificadas nos registros dos ICM no relato de Darwin, mas é apenas uma percepção de como Darwin traduz inconscientemente a cultura brasileira em seu diário.

4.1 Os títulos das traduções

A primeira edição de *The Voyage of the Beagle* (Darwin, 1839) constitui, inicialmente, o terceiro volume dos diários de viagem da embarcação HMS Beagle; seus diários cobrem o período de 1832 a 1836. Os dois volumes anteriores foram publicados pelos capitães do navio – Cap. P. Parker King (1838) e Cap. Robert Fitzroy (1839), respectivamente. Graças à popularidade logo alcançada pelo terceiro volume, o editor publicou uma segunda edição no mesmo ano, intitulada *Journal of Researches* (1839).

Posteriormente a esta primeira edição, foram publicadas nos anos seguintes outras edições revisadas pelo próprio Darwin, com novos comentários ou informações. Algumas eram publicadas com algumas alterações no título e subtítulos. Sendo que a mudança para o título mais conhecido da obra só viria a ocorrer na publicação de 1905, como *The Voyage of The “Beagle”* com subtítulo *Journal of researches into the Natural History and Geology of the Countries Visited during the Voyage Round the World of H.S.M. “Beagle”* (Figura10).

Figura 10 – Folha de rosto de *The Voyage of the Beagle*, edição de 1905

Fonte: Darwin, 1905

Nas três traduções para o português analisadas, há dois títulos distintos: *Viagem de um naturalista ao redor do mundo* (J. Carvalho e Pedro Gonzaga) e *O Diário do Beagle* (Caetano Galindo) (Quadro 1). Observa-se que a tradução de J. Carvalho traz, entre parêntesis, o subtítulo *trechos escolhidos*.

Quadro 1 – Traduções do título

Título original Darwin, 1997	Tradução 1 J. Carvalho, 1979	Tradução 2 Pedro Gonzaga, 2008	Tradução 3 Caetano Waldrigues Galindo, 2015
<i>The Voyage of the Beagle</i>	Viagem de um naturalista ao redor do mundo (trechos escolhidos)	Viagem de um naturalista ao redor do mundo	O Diário do Beagle

Fonte: o autor.

Algumas edições da obra em inglês foram publicadas com o título *A Naturalist's Voyage Round the World: The Voyage of the Beagle*, ou seja, o título utilizado nas edições mais recentes e na já citada edição de 1905 foi anteriormente o subtítulo da obra em diversas de suas publicações ao longo do século XX. Nas traduções analisadas, nota-se duas tendências. Os dois primeiros tradutores

buscam uma aproximação do título original do texto fonte e não há referência ao Beagle, mas sim ao autor da obra, Darwin, referenciado como o naturalista do título. No segundo caso, o tradutor parece tomar o caminho inverso e fazer um retorno não só à referência ao Beagle, como também ao termo “diário” já que este também não aparece em *The Voyage of the Beagle*, mas sim nas edições ao longo do século XIX como *Journal of researches*. Essa opção reflete a natureza das escolhas tradutórias e da própria organização textual da tradução de Galindo, que organiza o texto como um diário com foco inclusive em uma estrutura que prioriza o aspecto temporal, diferente das outras duas traduções que focam no percurso espacial da viagem.

4.2 Topônimos

A primeira categoria analisada dentro do que Aixelá considerou como nomes próprios são os topônimos, que designam qualquer marcação de localização geográfica feita por Darwin durante o percurso. Foram coletados 41 itens no levantamento, mas considerou-se apenas as localizações referentes ao Brasil, já que apenas este braço da viagem faz parte de nosso objeto de estudo. Assim, foram analisados 18 topônimos (Quadro 2).

Quadro 2 – Topônimos

Topônimos Darwin, 1997	Tradução 1 J. Carvalho, 1979	Tradução 2 Pedro Gonzaga, 2008	Tradução 3 Caetano Waldrigues Galindo, 2015
<i>Cape Frio</i>	Cabo Frio	Cabo Frio	Cabo Frio
<i>Botafogo Bay</i>	Baía de Botafogo	Baía de Botafogo	baía de Botofogo (MG18)
<i>Corcovado</i>	Corcovado	Corcovado	Caucovado (MG33)
<i>Praia Grande</i>	praia Grande	Praia Grande	Praia Grande (MG19)
<i>Ithacaia</i>	Itacaia	Itacaia	Ithacaia (MG21)
<i>Lagoa Marica</i>	lagoa Maricá	lagoa Maricá	Lagoa Marica
<i>Mandetiba</i>	Mandetiba	Mandetiba	Mandetiba
<i>Campos Novos</i>	Campos Novos	Campos Novos	Campos Novos
<i>Engenhodo</i>	Engenhodo	Engenhodo	Ingetado
<i>Socego</i>	Sossego	Sossego	Socêgo
<i>Rio Macae</i>	rio Macaé	Macaé	rio Macaè

<i>Rio</i>	Rio	Rio	Rio
<i>the gay little village of Madre de Deos</i>	Madre de Deus	Madre de Deus	Madre de Dios (MG28)
<i>Bahia</i>	Bahia	Bahia	Bahia
<i>the Gavia</i>	Gávea	Gávea	a Gavia (MG40) / da gávea
<i>St. Pauls Rocks</i>	Rochedos de São Paulo	Rochedos de São Paulo	rochedos de São Paulo (MG11)
<i>the Island of Fernando de Noronha</i>	ilha Fernando de Noronha	ilha Fernando de Noronha	Fernando/Fernando Noronha/ NT Fernando de Noronha (MG13)
<i>Abrolhos islets</i>	nos Abrolhos	ilhas dos Abrolhos	Os Abrolhos

Fonte: o autor.

No texto fonte utilizado neste trabalho, pensando nesta transposição das observações de Darwin como uma primeira tradução, em que a cultura brasileira foi “traduzida” para um leitor britânico, pode-se considerar que Darwin usou estratégias de conservação dos ICM na produção de seu relato, predominando uma tendência à repetição. No caso dos 18 topônimos analisados, 16 itens mantiveram sua origem do português, inclusive com a mesma grafia, como é o caso de Corcovado, Mandetiba, Rio e Bahia. Outros itens aparecem no texto com poucas alterações na grafia ou com a tradução apenas parcial, como foi o caso de *Gavia*, *Ithacaia*, *Botafogo Bay* e *Cape Frio*. Ainda assim, são estratégias de conservação.

Houve uma tradução propriamente dita para o inglês apenas em *St. Pauls Rocks*. Contudo, vale ressaltar que o Arquipélago de São Pedro e São Paulo foi o primeiro ponto de parada brasileiro da viagem do Beagle, após passar por Cabo Verde. Não houve nenhum contato com a língua ou cultura brasileira até chegar à Bahia, este pode ser um dos motivos deste item em si não seguir a mesma tendência dos demais no relato original. Outro caso a ser observado é *the gay little village of Madre de Deos*, que apresenta um item que indica uma origem ou referência à língua espanhola. Não há indicativos do motivo dessa utilização no trecho analisado.

Com relação às traduções, nas duas primeiras traduções de Carvalho 1979 e Gonzaga 2008, todos os ICM analisados são mantidos nas traduções como se

apresentam no original; observa-se, portanto, a estratégia de repetição. Em tais traduções da obra para o português, há a manutenção do item lexical em todos os 18 topônimos, tal tratamento não resultará em exotismo ou arcaísmo para o leitor da tradução, como poderia ocorrer com o leitor do texto fonte.

Na tradução de Galindo 2015, há algumas ocorrências que parecem sugerir que o tradutor seguiu o caminho inverso dos outros tradutores, como é o caso de “Caucovado”. Porém, o que ocorre é que Galindo utilizou outras edições do texto fonte, sendo que ele também repete as opções de Darwin nestas edições. O próprio Galindo, em seu paratexto, Nota do tradutor, explica a tradução de alguns topônimos e até de antropônimos,

O texto que se apresenta aqui é a primeira versão, no Brasil, da íntegra dos diários que Darwin manteve enquanto a bordo do HMS Beagle, entre os anos de 1831 e 1836. **Consultamos mais de uma edição deste texto, por vezes cotejando-as para estabelecer nosso texto-base.** (...) Ainda no que se refere à perna brasileira da viagem, optei por deixar claro no texto sempre que o próprio Darwin escolher usar uma palavra portuguesa (como *Farinha*, por exemplo). Apenas para evitar uma profusão de notas de rodapé com o texto “em português no original” escolhi marcar em itálico tais palavras, que representarão, ademais, precisamente a grafia do texto original. Igualmente procedi no que se refere aos topônimos e antropônimos brasileiros que, contudo, cri não necessitar de marca do itálico. Entre regularizar (e silenciosamente corrigir) Charles Darwin e manter o registro de sua boa vontade pouco instrumentalizada para a compreensão, optei pela segunda possibilidade. Esse procedimento acabou sendo utilizado para todas as palavras em linguas estrangeiras no texto. Já os sublinhados são do próprio Darwin (Darwin, 2015, p.6, Nota do tradutor, grifos nossos)

Poderíamos considerar o estranhamento que possa causar ao leitor brasileiro algumas ocorrências como no caso de *caucovado*, ou *Ingetado* na tradução de Galindo. Mas conforme esclarecido na Nota do tradutor, a utilização de outras edições de texto fonte e sua opção por manter a escrita de Darwin para alguns destes casos explicam tais traduções, tendo Galindo também utilizado a repetição como estratégia nesses casos.

Ainda sobre a tradução de Galindo, o caso dos topônimos é interessante, pois foi realizado um trabalho pelo editor Márcio Renato Guimarães, que produziu notas apresentando informações e atualizações dos nomes de algumas localidades presentes nos relatos. Há notas sobre oito dos dezoito topônimos analisados nesta

pesquisa. No segundo prefácio, dedicado às notas produzidas pelo editor, ele clarifica que as notas não têm por intenção ser técnicas, mas tem como alvo o leitor comum, ou “adolescente curioso” que ele afirma ser um termo utilizado pelo próprio tradutor. Ele ainda ressalta que as notas produzidas são sobre localizações que tiveram alterações em seus nomes de 1830 até hoje.

4.3 Antropônimos

A categoria dos Antropônimos engloba nomes próprios que, conforme proposto por Aixelá (1997) podem ser convencionais, quando não trazem nenhum significado específico, ou carregados, quando o inverso ocorre. No diário de Darwin, os nomes são convencionais, identificando pessoas reais que foram citadas. Foram encontrados doze itens, sendo que onze se referem a autores e cientistas que serviram de alguma forma como referência para Darwin, ou pessoas às quais tenha conhecido em seu percurso acadêmico. Sendo assim, foi selecionado apenas um antropônimo que se referia a uma pessoa nativa citada por Darwin durante o percurso (Quadro 3).

O citado aparece no texto fonte como “Senhor Manuel Figueireda”, um fazendeiro que hospedou uma comitiva da qual Darwin fazia parte durante uma pequena viagem ao interior. Ele é apresentado como parente de algum membro da comitiva, na primeira ocorrência do item. Nas demais ocorrências, o pronome de tratamento em língua portuguesa, *Senhor*, continua a ser utilizado, porém as palavras que o acompanham variam entre o nome e sobrenome (na segunda, Senhor Figueireda, e na terceira, Senhor Manuel) ou apenas o pronome de tratamento, se referindo sempre ao mesmo indivíduo.

Quadro 3 - Antropônimos

Antropônimos	Tradução 1	Tradução 2	Tradução 3
Darwin, 1997	J. Carvalho, 1979.	Pedro Gonzaga, 2008.	Caetano Waldrigues Galindo, 2015.
Senhor Manuel Figueireda/Senhor Figueireda/Senhor	senhor Manuel Figueireda	senhor Manuel Figueireda/senhor Figueireda/senhor	senhor Figueireda/Signor Fig./Signor/Signor

Manuel/Senhor		Manuel	Manoel Joaquim da Figueireda
---------------	--	--------	------------------------------

Fonte: o autor.

As traduções de Carvalho 1979 e Gonzaga 2008, seguem, neste caso, o texto fonte utilizado, mantendo exatamente a mesma grafia. A única diferença é a utilização de letra minúscula no pronome de tratamento, diferente do texto fonte em que todas as ocorrências são iniciadas em maiúscula. O trecho explicativo sobre quem seria o fazendeiro também acompanha o original, em que ele é identificado como parente de um membro da comitiva. Ambas as traduções optam pela estratégia da repetição.

Na tradução de Galindo 2015, o item aparece na primeira ocorrência como *senhor Figueireda*, diferentemente do texto fonte analisado e das outras duas traduções. O nome completo aparece na quarta ocorrência do antropônimo relacionado ao fazendeiro, *Signor Manuel Joaquim da Figueireda*. Na primeira ocorrência, diferentemente das outras traduções, o fazendeiro foi identificado como “sogro do mais velho dos senhores Lawrie”.

Em relação ao pronome de tratamento, há uma alteração a partir da segunda ocorrência, em que o fazendeiro passa a ser identificado com o pronome de tratamento *Signor* como na grafia em italiano.

Pela grafia do nome “Joaquem” e “Signor” por Darwin, é plausível inferir uma busca pela sonoridade das palavras percebidas por ele em sua experiência no Brasil. Isso se refletiria na forma como ele descreve, provocando o estranhamento da diferença fonética das relações linguísticas entre o nativo, o viajante, que é o produtor do relato e, ao mesmo tempo, tradutor da língua e cultura local para o leitor.

No caso do leitor alvo do texto fonte, o leitor de língua inglesa, *Senhor* já causaria um estranhamento. É possível especular que a opção do tradutor por *Signor* para emular a sonoridade, pode ser resultado do fato de Darwin estar hospedado no período relatado em uma fazenda escravista, portanto, poderia estar frequentemente ouvindo o pronome de tratamento utilizado pela população escravizada em relação aos donos das propriedades escravizadores, “sinhô”.

4.4 Fauna/Flora/Ecosystema

A categoria Fauna/Flora/Ecosystema abrange os ICM relacionados às descrições, coletas e referências à temática da motivação de Darwin para a viagem, as pesquisas relacionadas ao naturalismo. Portanto, nomes de plantas ou animais, partes anatômicas ou aspectos característicos utilizados em descrições, tanto de seres vivos como das características físicas do ambiente em suas descrições dos ecossistemas.

Os relatos são ricos em detalhes no que concerne ao ambiente natural e seus componentes, resultando na categoria com maior número de itens coletados no levantamento preliminar, um total de 203. Muitos itens podem ser contabilizados como itens de nomenclatura científica, ou generalizações, por meio de associações ao que Darwin, de alguma forma, já conhecia. Por fim, foram escolhidos seis itens relacionados a elementos bastante característicos do Brasil (Quadro 4).

Quadro 4 – Fauna/Flora/Ecosystemas

Fauna/Flora/ Ecosystema	Tradução 1	Tradução 2	Tradução 3
Darwin, 1997	J. Carvalho, 1979	Pedro Gonzaga, 2008	Caetano Waldrigues Galindo, 2015
<i>a narrow sandy plain, lying between the sea the interior salt lagoons</i>	planície estreita e arenosa que se estendia entre o mar e as lagoas salgadas do litoral.	planície estreita e arenosa que se estendia entre o mar e as lagoas salgadas interiores	uma estreita planície arenosa, que se estendia entre o mar e as lagoas salgadas do interior.
<i>jaca</i>	a jaca	a jaca	a jaca
<i>a fine specimen of the Yagouaroundi cat</i>	um belo exemplar de gato <i>Yagouaroundi</i> .	um belo exemplar do felino <i>Yagouaroundi</i> .	um magnífico espécime de pequena onça (apresentou, não presenteou)
<i>wasp-like insects</i>	certos insetos parecidos com vespas	insetos parecidos com vespas	–
<i>Mandioca/cassada</i>	a mandioca	A mandioca	A Mandeika (ou Cassada)
<i>feijao or beans</i>	feijão	feijão	feijão, que chamamos de beans

Fonte: o autor

O primeiro item é uma descrição bastante detalhada do ecossistema litorâneo que é denominado restinga, com foco nos elementos físicos do ambiente (areia, mar,

lagoa). Nos três registros tradutórios, mantém-se o caráter descritivo com poucas alterações, sendo a mais perceptível a opção por *lagoa*, na tradução de Galindo. No segundo item, “jaca”, tanto no registro do texto fonte como nas traduções o vocábulo permanece inalterado. Não há nenhuma nota de tradução em relação a nenhum dos dois itens.

O terceiro item *a fine specimen of the Yagouaroundi cat* denomina uma espécie de felino que pode ser encontrado em quase todos os biomas brasileiros, o jaguarundi ou gato mourisco. A escrita do item no original pode ter sido um exemplo, neste caso em específico, de que Darwin tenha recebido algum tipo de orientação na escrita, resultando em uma grafia no texto fonte que acompanha a nomenclatura científica e a origem do nome da língua tupi.

Nas traduções de Carvalho 1979 e Gonzaga 2008, a opção por conservar ocorre por meio da repetição, o item é mantido em sua grafia do texto fonte. Aqui pode-se argumentar que a tecnicidade do termo, com vistas ao caráter taxonômico do mesmo, foi uma opção tradutória visando manter o aspecto técnico e científico do item no trecho do diário. Ao passo que a tradução de Galindo parece tender a uma substituição; a tradução traz uma mistura de estratégias em *pequena once*; a palavra *once* estaria entre uma criação autônoma e um sinônimo, considerando-se a inexistência deste item na língua portuguesa, mas também o fato de que o leitor da tradução saberá que é uma referência a *onça*.

Porém, neste ICM na tradução de Galindo 2015, todo o trecho apresenta grandes diferenças. Nesta, o espécime teria sido apresentado a Darwin, diferentemente das outras traduções que teria sido presenteado. No texto em língua inglesa utilizado aqui, a ocorrência do ICM aparece juntamente a estrutura verbal “gave me”, o que indicaria que as traduções de Carvalho e Gonzaga, não estariam incorretas. É importante ainda discutir o fato de que a estrutura do trecho pode ser diferente no texto fonte utilizado por Galindo, e o ICM pode ter aparecido com registro diferente ou com mais de um registro, o que indicaria uma possível repetição e conservação do ICM. Ainda é possível considerar a utilização da estratégia de universalização limitada, mesmo que seja no intuito de atenuar o caráter científico do trecho. Não há nenhuma nota de tradução de Galindo sobre este ICM.

O quarto item *wasp-like insects* refere-se a insetos que constroem “estruturas” nas quinas das varandas das casas para servir de ninhos para as larvas. Darwin, poderia ter generalizado por aproximação o item para vespas, ou tentado realizar a identificação como o fez em diversos trechos com outros animais, já que os tais insetos são realmente um dos tipos de vespa. Em português há um termo específico para os “insetos similares as vespas”, *marimbondo*, palavra que tem origem no idioma quimbundo (falado em Angola) e que já era usual no período colonial, para designar o inseto e também, inclusive, como gíria depreciativa desde o período colonial pelos portugueses para designar os brasileiros.

Nas traduções ocorrem duas situações, nas duas primeiras ocorre a opção por manter “certos insetos parecidos com vespas”, tendendo à conservação. Já na tradução de Galindo, considerando a estrutura temporal do texto, durante o trecho da passagem pelo Brasil, não há nenhum indicativo que possa ter ocorrido um deslocamento dessa referência no texto. Por consequência, observa-se a ocorrência da estratégia substitutiva de exclusão, possivelmente porque o trecho não consta dos originais consultados por Galindo. Em Aixelá, uma exclusão ocorre quando o ICM não é suficientemente relevante para compreensão do leitor, ou que é inaceitável em níveis ideológicos e estilísticos. Não é possível afirmar essa possibilidade, pois não há nenhuma nota de tradução que indique o ocorrido.

O quinto item *mandioca/cassada* aparece nestas duas formas que são utilizadas para designar o vegetal que conhecemos, e que no texto fonte aparece como um ICM de destaque no trecho, pois é seguido de muitas informações sobre a sua importância para a subsistência dos nativos. Nas traduções, os dois primeiros tradutores mantêm uma aproximação com o texto fonte, ao optarem por *mandioca*, entretanto, é importante ressaltar que eliminam o segundo item utilizado pelo autor, *cassada*, ocorrendo pela primeira vez, uma exclusão, diferente do caminho adotado até o momento para os demais ICM. É possível, neste caso, supor que tenham retirado o item por não ser um termo usual para designar o vegetal, deixando a leitura mais fluida para o leitor. Na terceira tradução, Galindo neste caso, mantém *cassada*, e ainda, altera a grafia do item *mandioca* para *mandeika*, neste caso, considerando sua opção por “manter o registro de sua boa vontade pouco

instrumentalizada”. A grafia diferente pode ser vista como repetição de alguma ocorrência nos textos fontes utilizados por ele.

No sexto e último item, *feijao ou beans*, o autor mantém uma aproximação com o termo em língua portuguesa, porém, diferentemente dos outros itens, acrescenta a sua tradução em língua inglesa, “beans”. Nas traduções, assim como no ICM anterior, Gonzaga e Carvalho optam por deletar *beans* e escrevem com a grafia em português *feijão* (agora com o til), mantendo a natureza da ocorrência no texto fonte. Já Galindo, seguindo o caminho oposto, faz uma adaptação ortográfica, utilizando *feijôa*, acrescido de um adendo explicativo *que chamamos de beans*, considerando-se, portanto, que houve repetição como estratégia de conservação.

4.5 Brasileirismos

A última categoria proposta após o levantamento preliminar é composta por itens que não puderam ser encaixados em nenhuma das categorias elencadas acima, considerados de outros campos semânticos, por fazerem referências a temas diversos, como características étnicas, nomes de construções, utensílios, alimentos e costumes.

Em uma coleta inicial foram levantados 74 itens na categoria. Foram desconsiderados para fins de análise itens como unidades de medida e referências a outras culturas. Foram selecionados 11 ICM com referências diretas ao Brasil e ao período, os quais foram denominados “Brasileirismos” (Quadro 5). Em grande parte, os itens fazem referência a construções do período, estrutura das propriedades e suas correlações, e outros itens como alimentos, formas de tratamento e costumes culturais locais.

Quadro 5 - Brasileirismos

Brasileirismos Darwin, 1997	Tradução 1 J. Carvalho, 1979	Tradução 2 Pedro Gonzaga, 2008	Tradução 3 Caetano Waldrigues Galindo, 2015
<i>the huts of the negroes</i>	choupanas dos negros	cabanas dos negros	as cabanas dos negros
<i>the central house</i>	casa principal	casa principal	das casa centrais
<i>venda</i>	venda	Venda	Venda
<i>farinha</i>	farinha	farinha	farinha/Farinha

<i>whitewashed walls</i>	paredes caiadas	paredes caiadas	paredes calfinadas
<i>thatched roofs</i>	teto de sapé	teto de sapê	coberta de junco
<i>workshops for the blacks</i>	a oficina dos pretos	a oficina para os negros	oficinas para os negros
<i>Fazenda</i>	fazenda	fazenda	fazenda/Fazenda
<i>marked by crosses</i>	vê-se uma cruz	se vê uma cruz	coberta de cruces
<i>negro</i>	um negro	um negro	–/um negro
<i>negress</i>	negra	negra	uma negra

Fonte: o autor.

Os dois primeiros itens da tabela são *the huts of the negroes* e *the central house* que se referem a estrutura das construções e moradias em um povoado próximo a Itacaia. Na descrição do próprio Darwin, *the huts of the negroes* lembravam-lhe imagens das habitações hotentotes na África do Sul, pelas formas e posição. Não há uma descrição para *the central house*.

The huts of the negroes é um dos poucos itens de toda a análise em que há divergência entre as traduções de Carvalho e Gonzaga; Carvalho traduz como *choupanas dos negros* e Gonzaga opta por *cabanas dos negros*. Galindo também opta por *cabanas dos negros*. Em relação a *the central house*, Gonzaga e Carvalho concordam novamente, traduzido como *casa principal* e Galindo difere optando por *casas centrais* que, como se nota, foi pluralizado. A estratégia é a de substituição do tipo sinônimo, nos três casos. Em *choupana dos negros*, opção tradutória de Carvalho, aparentemente há uma busca por aproximação à referência das habitações hotentotes.

O item *venda* aparece no texto fonte em 4 ocorrências (a primeira na passagem por Cabo Verde e as três seguintes no braço brasileiro da viagem). Dois fatos particulares podem ser citados aqui: na primeira ocorrência, a grafia da palavra iniciada por letra maiúscula, nas demais, minúscula; e o segundo fato é que o autor faz uso de uma nota de rodapé, na segunda ocorrência, para esclarecer o termo venda, “Venda, *the Portuguese name for an inn*. (Darwin, 1997, p.10)”.

O autor faz uso de uma estratégia de conservação, mantendo a repetição do item na grafia em língua portuguesa, porém com o uso de explicação extratextual na forma de Nota de rodapé.

Nas três traduções ocorre conservação pela repetição do item, assim como utilizado no texto original, *venda*. Na tradução de Gonzaga 2008, curiosamente, na grafia ocorre o oposto do texto original, a primeira ocorrência de venda é iniciada com letra minúscula e as duas seguintes são iniciadas com letra maiúscula; na quarta ocorrência do texto original, o item venda como predicativo do sujeito *the host of this venda* é traduzido como *o dono do estabelecimento*, o que se mostrou uma opção adequada do item no trecho sem perda de sentido. Em Galindo, o item também aparece iniciado por maiúscula nas demais ocorrências, após a primeira em itálico. Observa-se que não há nota de rodapé em nenhuma das traduções.

O item *farinha* ocorre duas vezes no texto fonte mantendo a grafia da língua portuguesa. Na primeira ocorrência, Darwin cita farinha em uma listagem de alimentos, descrevendo uma desagradável passagem por uma hospedaria. Já na segunda ocorrência, em que está hospedado em uma fazenda escravista, o autor faz uma breve descrição de como a mandioca é utilizada na produção de farinha e ressalta tal alimento como o principal item da subsistência do brasileiro. Na produção de seu diário, podemos identificar a opção de Darwin como uma repetição, ao pensarmos farinha como um claro e notável ICM.

É interessante notar que nas três traduções analisadas se mantém o item *farinha* com a estratégia de repetição. As traduções de Carvalho 1979 e de Gonzaga 2008 mantêm as estruturas dos trechos das duas ocorrências. Na tradução de Galindo, diferentemente de outros ICM, também ocorre a estratégia de repetição do item de seu texto fonte. Aqui a grafia está em sua forma correta, exceto pelo fato de sua segunda ocorrência estar iniciada por maiúscula e ambas estarem grafadas em itálico conforme explicado na Nota do tradutor (Darwin, 2015). Outro fato interessante sobre essa ocorrência, indicando grande diferença do texto integral utilizado por Galindo, é a presença de um ICM não levantado no texto fonte deste trabalho, *Tapioka*, que pela explicação contida no trecho da tradução leva farinha em sua preparação.

Os itens utilizados para descrever as características da casa do *Signor Figueireda*, *whitewashed walls* e *thatched roofs* ocorrem no texto fonte no trecho em que Darwin vai do Rio para o interior e se hospeda na propriedade do fazendeiro citado. Darwin descreve o acabamento das construções, onde as paredes geralmente eram pintadas de branco com várias demãos de cal, as janelas ainda

não possuíam vidros, ao contrário do que provavelmente já era costume na Inglaterra, e o tetos eram coberto com palha seca de algum tipo de vegetação.

Na tradução de Carvalho 1979 e Gonzaga 2008, o ICM *whitewashed walls* foi traduzido como *paredes caiadas*. Galindo 2015 como *paredes calfinadas* que pode ser considerado como a estratégia de substituição por sinônimos, as opções tradutórias também são sinônimas.

Em *thatched roofs* traduzido em Carvalho 1979 como *teto de sapé* e em Gonzaga 2008 como *teto de sapê*. Pode-se considerar como sinônimos em uma generalização da designação para telhados de palha; a palavra “sapê/sapé” tem sua origem etimológica no tupi, referenciando plantas cujos galhos secos são adequados para a função descrita. Pode-se inferir a utilização de uma estratégia de substituição, a naturalização, em que se utiliza uma marcação específica dentro de um corpus intertextual na língua alvo. Em Galindo 2015 a tradução foi *coberta de junco* que vai no caminho inverso das anteriores, com uma estratégia de conservação, porém podendo estar associada a uma estratégia de substituição, uma tradução linguística (“não cultural”) juntamente com a utilização de sinônimos. *Junco* pode ser considerado menos marcadamente cultural que *sapê/sapé* e serve como sinônimo no corpus intertextual da língua de chegada como uma referência para palha; e no caso de uma retrotradução *junco* estaria mais próxima a uma referência na língua de partida.

O item *workshops for the blacks* ocorre neste mesmo trecho em que Darwin descreve a estrutura das construções na propriedade em que se encontrava hospedado, descrito como local onde os escravizados aprendem e realizam vários tipos de trabalho. Em Carvalho 1979 opta-se por *oficina dos pretos*, Gonzaga 2008 por *a oficina para os negros* e Galindo 2015 por *oficinas para negros*. Todos podem ser classificados como a estratégia de substituição por sinônimos.

O item *Fazenda* ocorre apenas uma vez, denominando a propriedade do Senhor Manuel Figueireda em que Darwin estava hospedado no interior do estado do Rio de Janeiro. A grafia ocorre iniciada por letra maiúscula. E neste item, ao considerarmos as estratégias de tradução de ICM, o viajante-tradutor optou pela repetição, buscando a conservação de uma palavra em língua portuguesa.

A opção nas três traduções foi *fazenda* com a grafia iniciada por letra minúscula. Mesmo com projetos tradutórios diferentes, todos optaram pela repetição do item do texto original, o que pode ter efeitos diferentes em cada das traduções.

Na tradução de Galindo, talvez por utilizar várias edições do texto fonte, há mais ocorrências da palavra *fazenda* no trecho estudado, sendo em itálico todas as ocorrências e iniciada por maiúscula em alguns casos.

O item *marked by crosses* descreve um costume cultural de marcar com cruzeiros pontos específicos nas estradas em que sangue já tenha sido derramado (o que pode ainda ser observado nos dias de hoje em estradas do interior, porém com diferente significação, de acidentes com vítimas fatais). A ocorrência é encontrada no trecho de retorno do interior para o Rio de Janeiro, em que Darwin descreve as condições das estradas, as condições das pontes e o tráfego, só possível, de acordo com ele, para carros de boi.

O item descritivo de um costume foi traduzido de três formas diferentes pelos tradutores. Todo o período é reorganizado para adequar a tradução, não se observa a repetição como foi feita em grande parte dos ICM; a reorganização se configura em uma explicação intratextual, que aparece diferente nas três traduções, e nas duas primeiras o plural *crosses* é traduzido como uma cruz,

The road is often marked by crosses, in the place of milestones, to signify where human blood has been spilled.. (Darwin, 1997, p.14).

Em muitos pontos da estrada, em lugar de um marco, vê-se uma cruz como índice de um local onde se derramou sangue. (Darwin, 1979, p.09)

Em muitos pontos da estrada, em lugar de um marco de milhar se vê uma cruz, indicando um local onde se derramou sangue humano. (Darwin, 2008, p.12)

Ao invés de marcos de pedra, as estradas estão cobertas de cruzeiros, para indicar onde derramou-se sangue humano. (Darwin, 2015, p.78).

Os itens *negro* e *negress* eram utilizados com frequência no passado para designar pessoas pretas, hoje são termos considerados ofensivos em língua inglesa. Nas três traduções, *negress* é traduzido como *negra*, no caso da tradução de Galindo o substantivo é acompanhado do artigo indefinido *um*. No caso de *negro*, o termo é mantido nas duas primeiras traduções e na terceira tradução, todo o trecho

foi eliminado, portanto ocorreu uma eliminação. Entretanto, em um outro trecho narrando outro acontecimento, nesta tradução, há a ocorrência de “um negro”. Novamente, o ocorrido pode ser explicado pelo texto fonte de Galindo.

CONCLUSÃO

A análise das traduções de *The Voyage of the Beagle* de Charles Darwin (1839), sob uma perspectiva histórica e tradutória, permitiu compreender como os itens culturalmente marcados (ICM) presentes na obra original foram traduzidos nas três versões em português analisadas. O objetivo principal deste estudo foi investigar como os ICM foram textualizados por Darwin ao descrever o Outro, brasileiro, para o leitor britânico (e leitores de língua inglesa) e como estes mesmos ICM foram manipulados e retextualizados nas diferentes traduções analisadas, tendo como referencial teórico o conceito de item culturalmente marcado proposto por Aixelá (1997).

Um dos principais desafios deste trabalho foi a análise comparativa das três traduções disponíveis, sendo que uma delas se baseia no texto integral em língua inglesa, tendo o tradutor Galindo acesso a mais de uma versão. Contudo, como a pesquisa não teve acesso aos textos-fonte usados por Galindo, limitou-se a algumas inferências sobre a tradução.

A figura de Darwin como viajante-tradutor foi analisada, observando-se que ele buscou preservar, sempre que possível, o registro fiel de suas experiências, buscando manter os itens culturais que representavam o Outro. A repetição, sobretudo no caso de nomes próprios e expressões relacionadas à fauna, flora e ecossistema, se mostrou como uma das estratégias predominantes, buscando a conservação do registro culturalmente marcado, mesmo quando isso gerava uma certa estranheza para seu leitor britânico.

A obra de Darwin se configura como uma interseção entre literatura de viagem e literatura científica, ao apresentar uma importante coleta de dados de seu trabalho de campo, mesmo com seu recorte temporal, registrar dados sobre especificidades culturais do Brasil e expressar sua perspectiva deste Outro, o brasileiro. As traduções deste relato apresentam essa visão de Darwin, e essa imagem que o leitor brasileiro fará precisa ser compreendida dentro do contexto das trocas culturais e históricas, agora Darwin como estrangeiro traduzindo-o.

Foi possível observar que as categorias propostas por Aixelá podem ser insuficientes para abarcar toda a complexidade dos ICM, especialmente a categoria das expressões comuns, que se mostrou excessivamente ampla, limitando a análise mais aprofundada de alguns itens culturais. Assim, a subcategorização proposta nesta pesquisa, em Fauna/Flora/Ecossistema e Brasileirismos, se mostrou suficiente para a quantidade de itens selecionados. Nas traduções, buscou-se verificar o que foi traduzido e o que não foi, o porquê foram ou não, e como a tradução ocorreu. Explicitando quais estratégias de manipulação podem ser associadas às escolhas tradutórias.

Observou-se ainda que a repetição foi a estratégia mais presente nas traduções, poderíamos inferir que houve uma busca pela manutenção do registro de seus textos-fonte. Porém, observa-se que o que Aixelá discute sobre a repetição é uma estratégia que respeita o registro do texto fonte, mas pode resultar em exotismo para o leitor da tradução. Aqui, o leitor brasileiro se encontra na posição de leitor hiperinstruído sobre esses elementos culturais reproduzidos nas traduções e nas duas traduções em que a repetição aparece mais vezes, essa estratégia leva a fluidez da leitura, podendo não levar a sensação de que esses elementos eram estranhos ao viajante. E no caso da terceira tradução que utilizou mais versões do texto fonte, e explicitou essa escolha de manter o registro de Darwin, observa-se que muitos desses itens podem realmente causar a sensação de exotismo como proposto por Aixelá. Ainda assim, pode-se enxergar esse exotismo como uma consequência natural do deslocamento temporal entre o relato e sua tradução. E o tempo é, como propõe Aixelá (1997), um componente que faz parte da natureza de um ICM, juntamente com sua significação e sua função no texto.

A comparação entre as traduções mostra diferentes abordagens editoriais: a tradução de Carvalho 1979 alinhada ao período em que houve a expansão na publicação dos relatos de viagem, a tradução de Gonzaga 2008, mais voltada ao público de edições de bolso e Galindo 2015 representando um esforço de oferecer a primeira tradução integral do diário. Cada uma dessas traduções se alinha com diferentes caminhos, sendo que a primeira e a segunda remetem a uma perspectiva que mantém o caráter mais científico, enquanto a terceira busca se aproximar de

uma modalidade mais literária, no sentido de que busca resgatar o caráter diário do relato.

Por fim, este estudo demonstra que a tradução de relatos de viagem como o de Darwin é uma operação tradutória complexa e se apresenta como rico material para pesquisas futuras. Abre novas possibilidades para investigações sobre a relação entre viagem, tradução e cultura, especialmente no que tange aos brasileirismos. A pesquisa abre espaço para futuros aprofundamentos, como a análise do diário na versão integral de Richard Keynes Darwin, a investigação de outros brasileirismos ou até mesmo um levantamento historiográfico das versões em inglês do diário e suas especificidades. E ainda fornece dados para possíveis novas análises tradutórias sobre literatura de viagem, sob uma perspectiva cultural das relações da viagem-tradução e do viajante-tradutor.

REFERÊNCIAS

AIXELÁ, Javier Franco. **Culture-specific Items in Translation**. In: Ed. ALVAREZ, Roman; VIDAL, M. Carmen-Africa. Translation, Power, Subversion. Clevedon: Multilingual Matters, 1997, p. 52-78.

CARDOSO, Teresa Miguéns et al. **Tradução em trânsito língua, cultura e viagem**. 2013. Tese de Doutorado.

CRONIN, Michael. **Knowing one's place. Travel, difference and translation**. Translation Studies, v. 3, n.3, 2010, p. 334-348.

DARWIN, Charles. **Voyages of the Adventure and Beagle**. v. 3. Journal and remarks. 1832–1836., London: Henry Colburn, 1839.

DARWIN, Charles. **Journal of Researches into the Natural History and Geology of the countries visited during the voyages of H.M.S. Beagle around the world**. London: Henry Colburn, 1839.

DARWIN, Charles. **The origin of species by means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life**. London: John Murray, 1859.

DARWIN, Charles. **The Voyage of the Beagle**. London: Amalgamated Press, 1905.

DARWIN, Charles. **The Voyage of the Beagle**. London, Wordsworth Classics, 1997.

DARWIN, Charles. **The Voyage of the Beagle**. London, Wordsworth Classics, 1997, [Imagem da Capa]. Disponível em: <https://www.marlowesbooks.com/Darwin.-The-Voyage-Of-The-Beagle-Darwin-Charles-Book-189924> Acesso em: 10 jan. 2025.

DARWIN, Charles. **Viagem de um naturalista ao redor do mundo**. Tradutor não identificado. São Paulo: Cia. Brasil Editora S.A., 1937. [Imagem da capa]. Disponível em: <<https://www.albertolopesleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=7197371>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

DARWIN, Charles. **Viagem de um naturalista ao redor do mundo**. Tradução de J. Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

DARWIN, Charles. **Viagem de um naturalista ao redor do mundo**. Tradução de J. Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1979. [Imagem da capa]. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/livro/viagem-de-um-naturalista-ao-redor-do-mundo-19M-7266-000?campaign=ev&gad_source=1&gclid=Cj0KCQiAhbi8BhDIARIsAJLOlud-jscKdbO--K75XTtJIRc_q91NHVZADC3d-i5HN3lQr8H6CXyFU8YaAnafEALw_wcB>. Acesso em: 10 de jan. 2025.

DARWIN, Charles. **Viagem de um naturalista ao redor do mundo**. Tradução de Pedro Gonzaga. São Paulo: L&PM Pocket, 2008.

DARWIN, Charles. **Viagem de um naturalista ao redor do mundo**. Tradução de Pedro Gonzaga. São Paulo: L&PM Pocket, 2008 [Imagem da capa]. Disponível em:

<https://www.lpm-editores.com.br/site/default.asp?Template=../livros/layout_produto.asp&CategorialD=607461&ID=647127>. Acesso em: 10 jan. 2025.

DARWIN, Charles. **O diário do Beagle**. Tradução de Caetano Waldrigues Galindo. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

DARWIN, Charles. **O diário do Beagle**. Tradução de Caetano Waldrigues Galindo. Curitiba: Editora UFPR, 2015. [Imagem da capa]. Disponível em: <https://www.travessa.com.br/o-diario-do-beagle/artigo/2c9e5635-35a9-436a-9970-c71a6f0c1e3e?pcd=041<=147&gad_source=1&gclid=Cj0KCQiAhbi8BhDIARIsAJL_OludaYI8lC6Bugeq17fb2exTQ3khGhQH27DIHlw-kjnpMlvvWgZBNg-caAojREALw_wcB> Acesso em: 10 jan. 2025.

DARWIN, Charles. **A Viagem do Beagle**. Tradução de Daniel Moreira Miranda. São Paulo: Edipro, 2024. [Imagem da capa]. Disponível em: <<https://edipro.com.br/livro/a-viagem-do-beagle/>> . Acesso em: 10 jan. 2025.

DE OLIVEIRA AGRA, Klondy Lúcia. **A integração da língua e da cultura no processo de tradução**. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, 2007.

DESMOND, Adrian J., **Charles Darwin**, *Encyclopedia Britannica*, 2002. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Charles-Darwin>> Acesso em: 20 jan. 2025.

HMS, **Dicionário online de Cambridge**, 2025. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/hms>> Acesso em: 15 jan. 2025.

FITZ-ROY, Robert. **Voyages of the Adventure and Beagle. v. 2**, Robert Proceedings of the second expedition, 1831–36, under the command of Captain Robert Fitz-Roy, R.N., Great Marlborough Street, London: Henry Colburn, 1839.

KING, P. Parker. **Voyages of the Adventure and Beagle, v. I. Proceedings of the first expedition, 1826–30, under the command of Captain P. Parker King**, R.N., F.R.S, Great Marlborough Street, London: Henry Colburn, 1838.

MACHADO, Cristina de Amorim. **Tradução científica em língua portuguesa: o caso da Origem das espécies de Charles Darwin**. Tradução em Revista, Rio de Janeiro, vol. 26, n. 1, p. 59-84, 2019.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. Tradução e Viagem: Relações de poder. **Gragoatá**, Niterói, n. 18, p. 141-149, 2005.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. A tradução e o tradutor no Brasil: lições de visibilidade. **Domínios de Linguagem**, v. 11, n. 5, p. 1440-1453, 2017.

SNELL-HORNBY, Mary. **The turns of Translation studies. New Paradigms or Shifting Viewpoints**. Amsterdã/Filadélfia, John Benjamins, 2006.

WYHE, John van. **The complete work of Charles Darwin online**. Notes and Records of the Royal Society, v. 60, n. 1, p. 87-89, 2006. Disponível: <https://darwin-online.org.uk/> Acesso em 10 jan. 2025.

ANEXOS

ANEXO A - Nota do tradutor na tradução de Galindo 2015

Nota do tradutor

Envio em um embrulho meu diário ordinário. Tomei-me de repentina aversão a ele e o quero longe de meus olhos; quem quer de vocês que deseje pode lê-lo. Grande parte dele é absolutamente infantil; lembre-se no entanto disto: que está sendo escrito apenas para me fazer lembrar desta viagem, e que não é um registro de fatos, mas de meus pensamentos. E, como desculpa, não esqueça como eu costumo estar cansado quando escrevo. [...] Não se esqueça de mencionar o recebimento do diário, pois, de um jeito ou de outro, ele me será de considerável interesse no futuro, por ser um exato registro de todas minhas primeiras impressões, e foi um conjunto tão vívido de impressões, que deve fazer sempre desse período de minha vida um motivo de interesse para mim.

CHARLES DARWIN, em carta a sua irmã Caroline, datada de 25 de abril de 1832 e enviada da cidade do Rio de Janeiro.

Os principais objetivos de Darwin ao manter o escrupuloso registro diário de sua viagem eram, aparentemente, de fato apenas manter frescos e organizados fatos e impressões. Lembre-se que o diário nunca foi sua primeira fonte de registros, papel cumprido pelas cadernetas de campo que, muitas vezes, alimentaram a redação do diário dias, semanas e mesmo meses depois de transcorridos os eventos narrados (especialmente no último ano da viagem, percebe-se pelo próprio estilo do texto e suas marcas temporais que ele desistiu de manter um diário *vivo*). Sua obra posterior se serviu de suas notas, no entanto, gerando grande interesse sobre todas elas.

A história da publicação dos Diários do Beagle é longa, começando ainda durante a vida de Charles Darwin. Sucessivas edições, sob os mais diversos formatos (e incluindo mutilações, alterações e distorções do texto original), vieram à luz em todo o mundo no último século e meio. A vívida prosa e a acurada percepção social de Darwin souberam sempre encantar e motivar leitores.

O texto que se apresenta aqui é a primeira versão, no Brasil, da íntegra dos diários que Darwin manteve enquanto a bordo do HMS Beagle, entre os anos de 1831 e 1836. Consultamos mais de uma edição deste texto, por vezes cotejando-as para estabelecer nosso texto-base. Dentre essas edições aparece com destaque o trabalho de Richard Darwin Keynes, bisneto de Darwin que vem preparando cuidadosas edições da obra do naturalista.

Keynes trabalhou com os originais do diário de seu avô e, como não poderia deixar de ser, aproveitei de seu trabalho algumas notas esclarecedoras e o registro de alguns, não muitos, trechos excluídos pela mão do próprio Darwin quando preparou os cadernos para sua primeira edição. Em alguns casos vi por bem incluir os fragmentos deletados, especialmente no trecho do diário que se refere ao Brasil, por eles representarem uma primeira visão, algo crua, do observador europeu sobre nossa realidade. Os mecanismos que levaram Darwin a *censurar* ou *reformular* certos trechos podem assim ser investigados ou hipotetizados por vocês.

Ainda no que se refere à perna brasileira da viagem, optei por deixar claro no texto sempre que o próprio Darwin escolhe usar uma palavra portuguesa (como *Farinha*, por exemplo). Apenas para evitar uma profusão de notas de rodapé com o texto “em português no original” escolhi marcar em *itálico* tais palavras, que representarão, ademais, precisamente a grafia do texto original. Igualmente procedi no que se refere aos topônimos e antropônimos brasileiros que, contudo, cri não necessitam da marca do *itálico*. Entre regularizar (e silenciosamente *corrigir*) Charles Darwin e manter o registro de sua boa vontade pouco instrumentalizada para a compreensão, optei pela segunda possibilidade. Esse procedimento acabou sendo utilizado para todas as palavras em línguas estrangeiras no texto. Já os sublinhados são do próprio Darwin.

E ainda mais uma palavra sobre as notas.

As eventuais, poucas, notas marginais do próprio Charles Darwin aparecem precedidas da indicação ND. As demais notas, a não ser onde indicado, são minhas, e busquei sempre indicar os momentos em que, para sua redação, tive de me servir da edição de Keynes. A sigla K marca os trechos em que me apoio em suas notas.

Outras notas, bem como todo e qualquer mérito relacionado à regularização dos nomes de animais, plantas e locais citados na narrativa (trabalho sisífico e importantíssimo, que envolveu intensa pesquisa e grande conhecimento prévio para, muitas vezes, desembaraçar a terminologia científica do século XIX da nossa, bem como o vocabulário do cidadão inglês, frequentemente adaptado ao novo mundo e, outras vezes, atualizar nomes de

idades e pontos geográficos) devem-se à cuidadosa revisão de Márcio Renato Guimarães. A quem mal posso agradecer.
Muito obrigado pela leitura.

Curitiba, fevereiro-junho de 2005.

Caetano Waldrigues Galindo